

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO II — N.º 71 — LISBOA, 24 DE SETEMBRO DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

UMA VIOLENTÍSSIMA TROVOADA PAIROU SOBRE LISBOA. — Este notável instantâneo foi obtido do alto da cidade, frente ao Tejo, quando uma faísca despegando-se do céu acastelado de nuvens veio riscar a noite com a sua rota de fogo... — (Foto Benoliel)

Figuras da Vida MUNDIAL

O general Mac-Arthur, uma das grandes figuras militares desta guerra. Chefe em quem a América confia quase fanáticamente, tendo feito dele um verdadeiro idolo, depois de haver tido um comportamento admirável na defesa das Filipinas, tem agora a seu cargo, na qualidade de comandante em chefe dos exércitos em operações no Pacífico, a tremenda responsabilidade de preservar a Austrália dos ataques dos japoneses.

(Caricatura de Santana)



POR QUE SE MATOU STEFAN ZWEIG, O escritor errante Um artigo de Manuel Martins

COMO todos os rapazes, vivendo no tumulto ansioso da literatura, Zweig, aos vinte anos, publicou um livro — um volume de versos, «Cordas de prata», repassado

dum meigo lirismo, que os intelectuais de Viena acarinharam, esperançados numa revelação. Zweig era, então, um estudante distinto de filosofia, na velha Universidade austríaca. Descendente duma velha família rica, com talento e dinheiro, o moço estudante alardeava uma vida forte e emocionante, viajando, lendo, contactando sociedades, fora das acanhadas fronteiras onde a sua existência, febril de liberdade, decorria. Era um caminhar de longas jornadas. Só sentia realmente a vida a ecoar, clamorosa, gritante, pujante de entusiasmo, quando, numa febre intensa de emoção, ia pelo mundo fora, à toa, sem norte, vagamundos de estranho ideal, em demanda da luz forte que aquecesse a sua alma de peregrino de outras paisagens. A sua curiosidade chamava-o, no turbilhão agigantado do mundo, à esteira luminosa da Emoção. Só a observar, vivia; fora disso, a vida tinha a aspereza duma monotonia insuportável.

É ele próprio quem o confessa: «não me cansaria de olhar para um simples calceteiro que despedaça o asfalto com a sua picareta; a impressão que esse espectáculo me dá, é tão violenta, que sinto no meu ombro cada uma das sacudidas que agitam o do operário. Só nestes momentos dou conta de que verdadeiramente vivo e reconheço bem a fantástica diversidade da vida». Era este anseio de curiosidade, esta clarividência tão aguda, quasi doentia, que o levava horas inteiras a contemplar uma montra de lindas bonecas, enquanto a criança, num festivo enleio, sorria junto do vidro.

A porta das fábricas, no aglomerado dos operários, dentro das oficinas, confundindo-se no ambiente de fumarada, o mais insignificante pormenor não deixava de ser rasgado com o bisturi da sua sensibilidade. As linguas de fogo das forjas que crepitam, as fainas exaustivas dos cais, esses esforços titânicos dos homens que lutam pelo pão de cada dia, tudo isso era uma paisagem humana onde os seus olhos, gulosamente, navegavam. Calcureavam a Europa inteira, a América e a Índia, anos à porfia, como um verdadeiro judeu errante.

Fêz do Mundo a pátria do seu ideal — e a existência, um capricho da Emoção.

II

Cinco anos após o aparecimento do seu primeiro livro, Zweig go-

zava, já, dum prestígio lisongeiro. Doutorara-se em filosofia. A sua tese — «Hippolyte Taine», que se encontra publicada, revelára-o um «biógrafo erudito», segundo a expressão dum insigne catedrático da Universidade de Viena. Possuía uma educação esmeradíssima. A sua casa era, pelas obras de arte que juntava, um verdadeiro museu. Na

Os seus livros, num rumor de sucesso, davam-lhe fortunas. «Amok», «Confusões de Sentimentos», «O Medo», «Um coração destruído», «Noite fantástica», «O candelabro sagrado», todos eles, fortemente vinculados pela personalidade do grande escritor.

Nas novelas, dum realismo impressionante, Zweig, como em «As

agir — há um raciocínio célere que corre e vibra em todas as fibras do nosso íntimo. A beira dum crime novo, o que foi tantas vezes criminoso, hesita — esse segundo de meditação é centelha dum sentimento novo — o arrependimento.

Zweig estava na posse dos segredos humanos. Conhecia os homens como conhecia as paixões. Um dia, numa das suas grandes viagens através do mundo, Zweig entrou num café. Chovia, torrencialmente. Era numa cidade do ocidente. Num relance, o escritor recordava-se que já ali estivera, há dez ou quinze anos. Mas não pôde precisar como e a fazer o quê. Então, poderosamente, a sua privilegiada memória vai dissipando a nebulosidade das imagens. E reconstitue tudo, como se, diante da retina, tivesse as imagens a deslizar. Zweig não fixava, gravava no cérebro o que podia impressioná-lo. Era um génio.

Viu o coração, tristonho do caixa-ro, gordo, paquiderme a rolar, servindo cerveja; os bilhares com o pano verde já com nódoas, e dois fregueses, bem assíduos, mastigando as torradas.

III

Quando a guerra de 1914 deixou a Europa exangue, entre luto e lágrimas, Zweig, que tinha uma alma sensível de criança, sofreu crucialmente. Cinco anos depois do armistício o mundo financeiro sofreu ainda, do mesmo inimigo uma grande derrota — a desvalorização do marco. O grande escritor perdeu, então, quasi toda a sua fortuna, ganha com o labor exaustivo do seu cérebro. O seu magistral poder de trabalho, as suas excepcionais qualidades de saúde, dão-lhe em curto espaço de tempo outra fortuna. Zweig escrevia acidentadamente — mas preferia o sossego ao irrequieto bulício.

Os seus livros, calcureando o mundo inteiro, são êxitos. Viaja por todo o lado — em França, que ele amava devotadamente, faz estadia. Depois vai para Londres — e a civilização inglesa apaixonou-o vivamente. Mas já na Europa, inquieta, voltava a pairar o espectro da guerra. E Zweig sofria imenso ao relembrar a carnificina de 1914 e que se pretendia reconstituir, com mais impetuosidade, uma vintena de anos passados. Quando as tropas alemãs chegaram a Viena, a mãe do grande escritor, que aí vivia, embora o filho tentasse trazê-la para junto de si, morria, sem poder despedir-se do filho. Zweig sofreu esse grande golpe com uma serenidade de forte — pois preferia vê-la morta a cair nas mãos das tropas invasoras. Já os seus compatriotas lhe escreviam cartas lancinantes a implorar-lhe auxílio. Zweig tinha sempre a bolsa aberta — e desesperrava-se de não lhes poder valer.

(Conclue na página 16)



Stefan Zweig, o famoso escritor, quando da sua última passagem por Lisboa. Esta foto foi feita no Estoril.

biblioteca, — parte dela doou-a à Universidade Israelita de Jerusalém — verdadeiras jóias literárias faziam o encantamento da sua alma de artista: manuscritos de Balzac, Schiller, autores da maior afeição literária, e, a par desses, partituras do genial Beethoven, de Mozart e de Hazdn.

Vinte e quatro horas da vida duma mulher», é um médico de almas. Conhece o homem pelo lado científico de Carrel, e pelo complexo do «sentimento de momento». Há sempre na alma do individuo sentimentos novos. Diante do perigo, o que era um timorato, pode ser um herói. Não é só o instinto que vai

Na Índia maravilhosa

O festival da deusa do Amor, da beleza ☆ ☆ ☆

☆☆☆ e da vida criadora

Um artigo do Comandante Pedro Francisco

(Continuação do número anterior)

Uma das vestais estava ainda de pé, em frente do adito, em serviço dos deuses. Interroguei-a:

— «Devichen, naam Ki tens?»
Como se chama a deusa? — e os seus olhos negros arregalaram-se para mim, como se houvesse cometido tremenda imprudência. Depois, dando um passo para o nicho, explicou-me:

— É Kali, Senhora da Morte — a Maha Devi — a Grande Deusa — a «Dourgá», cujos olhos queimam de ódio. É a deusa mais temida de toda a Índia, e só acolma e se propicia quando vê correr jorros de sangue e ouve os estertores dos moribundos. Sacrificamos-lhe uma cobra, de tempos a tempos, para a contentar, mas antigamente...

Para os meus olhos ocidentais, entre a figura horrenda da deusa málfica e a mocidade e gentileza da sacerdotiza de Luckshimini, não havia que escolher:

— Deixemos a Deusa má e digame, pois vejo que é «bavina» — e aponte-lhe a tatuagem do braço — há quanto tempo serve os deuses?

Respondeu-me com simplicidade que havia já bastantes e longos anos que fóra votada à Grande Mãe, pois quando tinha uns escassos sete fóra toda nua e pequenina, de joelhos e coroadada perfumadamente de «champin», jurar sob o altar de Luckshimini, que a serviria, immaculada e pura, durante quinze anos. Jurara e cumprira, senão não estaria ali viva... Era, pois, filha do templo e chamava-se floridamente Yará. Acrescentou que nessa cerimónia desposara, como mandam os ritos, uma árvore — e que escolhera a Paritzak — a árvore triste, que só abre as suas flores e exala o seu suave perfume a violetas depois do sol morrer, nas sombras da noite... Esclareceu-me ainda que já duas escassas luas se haviam passado, depois que terminara a sua missão sagrada e o seu longo sacrifício.

Agora — e hesitou — falta-me uma última cerimónia, para me despedir da minha formosa Mãe Celeste, a mais linda entre todas as deusas...

Olhei-lhe de revez, discretamente, os tornozelos. As suas grossas argolas de prata, de virgem impoluta, lá estavam inteiras, intactas. Aquela água azul — a «ave» Garvuda — reveladora do seu claro sacerdócio, tatuada no antebraço, as asas abertas, a querer voar, castigava-me a curiosidade e insisti:

— É cerimónia feita no santuário e ainda longínqua?

— É a «pujah» — e entreabrindo os lábios num sorriso, mostrou-me

os dentes puros. É simples: sobre o fogo santo, serão queimadas as coisas que me acompanharam na hora do juramento, e o tesmunharam e garantiram... Pode ser feita em qualquer sítio puro, mas sob a condição das três estrelas — o «lagnan» — que me protege lá do alto, estarem de harmonia... e ainda — e aqui hesitou novamente — que seja um homem e um estranho a esta terra e a este templo que as queime, como mandam os livros divinos...

Quási sem raciocinar, retorquii-lhe por branco, que sendo eu um «pack lá» — um europeu — e logo um estranho, estaria talvez, por isso, em condições de intervir na «pujah»... Ela que inquirisse e resolvesse...

Os seus olhos aveludadamente negros, límpidos e tranqüilos, fitaram-me transparentemente inquirindo, e pareceu-me vir dêles uma flúidica sensação de vertigem, como a que se sente quando nos debruçamos sobre uma profundidade negra que magnetiza, adormece e atrai angustiadamente.

— «Deu borem corum, sahib!» — agradeceu. Consultarei o grande «botto», que lê as coisas do céu, e logo depois da festa lhe comunicarei o que souber. «Deu borem corum!»

Quando saí as portas do pagode era já noite. O céu relumbrante era todo uma cintilação, um lume-lume, sobre a minha cabeça. Do mato vinham regougos e choros de bandos de «adives» — chacais — que farejam, fochinho alto, os resíduos das aldeias. Atravessé, sozinho, para casa, o terreiro escuro e solitário do templo, pensando com os meus botões, como o imprevisto se emaranha de repente na vida comezinha e ignorante de cada um!... Lembrei-me da frase de Pandú Dessay: — Que sabemos nós, sahib?

E olhando para o céu, interrogativamente, pensei quais seriam entre aquelas, em infinidade, as três estrelas que deveriam estar de harmonia, e decidir da «pujah» e dos destinos daquela interessante «bavina»...

Quando cheguei a casa, deparei-me-me sobre a mesa a surpresa indiana dum apetitoso repasto. Um prato de delicioso arroz «pancheri» — bago grosso e sóto — com manchas vermelhas de caril e «miscuit», de manga, picante. Bananas rosa — que têm sabor a morango — uma talhada de jaca e um bôlo de «aludá» — farinha de arroz, canela e gengibre — manjares limpos, segundo os Puranas — livros sacros — e que eu, sob aquêles céus, poderia saborear sem incorrer nas cóleras das Fôrças Ocultas, antes pelo contrário...

Jantei, pois, abstermiamente, e sob os signos da lei indústânica e do

deus Gonopoty — elefantino e trombudo — e de Luckshimini — a mãe da Eterna Beleza — que certamente dos seus altares, deitariam olhos complacentes sobre mim — pobre «fringui» do ocidente — ali de arribada aos seus domínios, e que se fóra meter nas complicadas e védicas alhadas da «pujah», da sua pura e airosa sacerdotiza... Interesse tinha eu, e grande, em assistir às cerimónias inéditas e estranhas dêsse desatar de voto, mas tudo dependia da posição de três estrelas, e só êles, que eram Poderes do Além, a poderiam saber... Ainda me passou pela ideia — que diabo! — de por duas loiras bananas nos seus altares floridos, propiciando-os.

Já se começava a ouvir, vindo de dentro do pagode, o berro agudo das «chingas» — trombetas em forma de chifre de búfalo — e o barulho surdo dos pratos de metal, acompanhando o fundo ritmado dos «tantans»... Por detrás dos palmares alevantava-se a lua, num crescente brilhante e claro como uma jóia, e as fôlhas agudas dos coqueiros luziam ao luar como fôlhas de espadas. Acendiam-se lanternas coloridas por todo o terreiro, e inúmeros archotes ardiam expelindo faúlhas. Sons tontos de afinções de «saranguis» vinham do interior do templo.

As nove horas apareceu o meu bramânico amigo Pandú. Trazia em torno do pescoço, caído até ao peito, um colar de «champakas» — de grandes pétalas brancas e amarelas de ouro, que exalam um aroma forte que perturba e excita.

— São as flores que elevam a deusa e a Kamá-deu, que tem parte na festa, por isso lhe trouxe um colar também para si, sahib... Pus o colar. Que fazer naquelas exóticas longitudes, onde qualquer acto grande da vida depende da posição especial e ignorada de três estrelas?... De súbito estremearam «pachões» e alguns morteiros. Saímos, pois ia principiar a cerimónia. Já centenas de índus se alinhavam em torno do terreiro, nos claros escuros das lâmpadas e archotes. O grito das «chingas», o vibrar dos metais era de ensurdecer. Pandú e eu collocamo-nos entre as colunas do átrio do templo. Lá de dentro, vinham rolos odoríferos de olibana e benjoim, enrocando-se nos sons suaves e lânguidos dos «saranguis», que iam alteando, passo e passo. A deusa punha-se em movimento. Logo dum a rua lateral, duas filas de bailedeiras — mais de cinquenta — todas a lucilar, nos metais e nas pedrarias, saíram recuando... A seguir surgiu o carro sagrado, baixo, tauziando a metais, e em cima brilhando o ídolo. A deusa era toda vasada em prata e imponente, nos seus três metros de altura. Traços puros de formosura, nítidos, na sua rigidez hierá-

tica, de metal, fulgurante. Uma mitra oval sobre a cabeça e um mar de relâmpagos e lumes de riqueza nas orelhas, na testa, no colo e sobre o corpo. Toda ela era uma cascata de luz. Pérolas eram a granel, entre rubis, safiras, turquezas, ametistas, a esmo, numa policromia lascante. Riquezas acumuladas durante séculos pelos senhores «botto» — sacerdotes do pagode — dádivas de crentes, votos de adoradores.

Vestia um manto de tecido rígido, em ouro martelado, que fechava castamente na raiz dos seios e caía em pregas sobre a enorme flor de lotus de fôlhas de ouro, entre cujas pétalas ela estava sentada.

Depois que o carro dobrou a esquina avançou, devagar, solene, e parou em frente do pagode, perto onde eu estava, e então pude observar bem a opulência que aliandava a deusa da Volúpia e da Formosura. Os dedos das mãos e os pulsos, eram tudo um estrelajar de fogos e chispas coloridas. Sobre o manto, esparsas enormes e velhas moedas de ouro — Pagodes, Xerafins, Portugueses de ouro, Sequis de Veneza, ainda do tempo das descobertas, em barda. A deusa estacou, parou, vacilou, junto de mim, divina, impassível, sobrehumana... O mar humano de cabeças, em adoração, vagalhou, curvando-se... Das duas filas de sacerdotizas, formadas em frente do carro, uma delas saíu e veio solidariamente até perto da deusa. Dobrou-se ligeiramente, ergueu o braço, que ondulou, a mão aberta, e bateu rijo o calcanhar, retinindo os guizos do arnelho. Respondeu-lhe em côro, imitativamente, cinquenta «peshmés» guizalhanes. Então a voz da «colovont» ergueu-se vibrante, subiu para o céu caído, em modulações, longamente, garganteadas:

— Ó Shri consoladora! Ó Luckshimini de olhos puros, da côr do lotus... Ó Harypará, é esta a tua noite grande. Ó deusa enlouquece-me, que eu sinto-me como uma brasa a arder!... Ó Mãe da Vida, enrija os meus seios, dá força e calor ao meu coração...

As outras combinavam, harmonizavam os gestos, sincronicamente, cheios de gracilidade. Todas vestiam, apertados, cingidos exactamente aos corpos, os «saddys» ricos, tecidos em azul, vermelho, violeta, entretrecidos com fio de ouro, o que lhes dava aos corpos gálbicos — estátuas luminescentes — sob os jorros de luz — cambiantes fantásticos de vermelho ouro, de azul ouro, de violeta ouro... Os instrumentos de corda, as «murdangas», vibram, gemem, agónicamente, surdamente, misticamente, em crisações agulhantes de sensualidade, e no ar morno passam bafo de açafrao e «açak», que aqueçam e desvaíram

os sentidos... Deitei os olhos em roda, para fixar na pupila gulosa êsse minuto raro... Todo aquêlê amontoado de gente, em volta do 'erreiro, os panos e tûnicas, multicôres, colando-se rigidamente aos corpos, as cabeças coroadas de flores, os «bottos» macerados, erguendo ao alto, em varas, as caçulas de metal, donde espiralavam, torcidos, rîos de fumo perfumado que ascendiam lentamente, para os astros resplandecentes... tudo era um sonho, um deslumbramento de cintilas, de sons, de aromas, de belezas, de loucuras, que jamais esquecerei, enquanto memória tiver... Dir-se-ia ter recuado três mil anos, e que estava sob os muros da Cerâmica, à sombra do Parthenon, nas frescas e floridas Panathenêas, em que choviam pétalas e risos do céu, sôbre as cabeças diademadas de violetas e gardênias, das mulheres de Atenas, veladamente semi-nuas...

Depois o cortejo seguiu, a coruscar, lançando relâmpagos, as bailadeiras dançando, recuando, ante a deusa, levemente bambolecante, irradiando fogo, singular, estranha, rutilante...

Com paragens de quando em vez, seguiu ladeando tôda a periferia do terreiro do pagode. E umas após outras, as «escravas dos deuses», sob os reverberos, saíam das filas, e avançavam as suas mocidades frescas, as suas flores, os seus brilhos e entoavam os louvores da Deusa-Mãe. Pandú e eu seguíamos o carro dúlico e pude bem observar a epilepsia sagrada da multidão, que se prostrava, achatando-se no chão à passagem do ídolo, as mãos ao alto, humildes de terror religioso... Os cantos modulados, ressoavam no ar morno e rescendente, perturbando:

— Ó Kasha, mãe dos leitos que fecundam, criadora das gerações sem fim! Ó Indraná, que és a luz dos nossos ventres, tu Govinda santa, que és o próprio Desejo Vivo!... Aquece-nos as almas no amor, ó Mãe!... O, Luckshimini Senhora da Beleza, «rani» dos abraços de fogo, deusa das carícias que geram, sê-nos propícia!...

O ambiente cálido entontecia. Tinha-se a sensação vaga e premente da alma colectiva, a vibrar, a estremecer de desvaíros de sensibilidade. Sentia-se nas narinas, respirava-se fluídos carnis, exudantes das epidermes unguidas de essências deliquescentes... Volatilizações de desejos mal contidos, hiper-excitados, bciavam no ar em febre e tênueza, dir-se-ia que beijos borboleteavam em volta na noite tépida... Andavam já os nervos arrepiados, no antegosto da hora espasmica e exaustiva, que se aproximava, no final da cerimônia, mordiam-se os dentes, crispavam-se as unhas, e a atmosfera carregada de electricidades sexuais, sufocava... Encandecavam-se, hipnotizados os olhos, na magia gegante das lucições, dos rebulhos e refulgências, das luzes, dos oiros, das sedas e das pedrarias em volta e nas ramarias e troncos dos arvoredos circundantes do templo havia reflexos metálicos, laivos sangrentos de lumes, e o próprio vegetal extático, magnetizado, espreitado, esticando-se por lá sôbre as cúpulas, parecendo querer arrancar-se das raízes e vir tomar parte naquela festa nupcial da Beleza e da Paixão...

Solitariamente, lá em cima, no céu palpitante de estrelas, a lua, pasmada e amarela, parecia sorrir e o próprio luar leitoso, morno e dormente era um hálito leve, res-

ceitando a sândalo, a rosas, a jasmíns... Era um sonho? Era uma alucinação? Era a alma intensa dêste Oriente desconhecido, que paredes meias da loucura, em delírios, queria agudamente «viver», perpetuar-se na luz do Amanhã. Era enfim a festa da Vida, o preito, a adoração alacre ao grande Mistério Criador, a apoteose da geração futura, daquêles que ainda encruzulados nas trevas viscerais e celulares dos ventres maternos, haveriam de nascer um dia e ter a dita suprema e única de poder também contemplar a claridade deslumbrante do sol...

— É a madrugada mais desejada e solene em tôda a Índia — declarou o meu védico compatriota. — É a noite augusta e excelente que mais se desdobra em frutos e que mais alto eleva e canta a Vida... É a Noite Renovadora, continuadora das existências...

Era mais de meia noite quando o cortejo recolheu ao santuário. A multidão havia-se escoado, como por encanto, no escuro dos palmares: — ronda de fantasmas, de nervos retesados e olhos hui-lantes...

Pandú desaparecera também, e eu fiquei só, bem solitário, rodeado do negrume nocturno, que me gelava agora, angustiadamente o coração... Fiquei sôzinho, com a minha sombra e com o silêncio e sob um lindo céu recamado de astros, mas indifferente e calado, ante o meu abandono... Até a própria lua, safava-se agora prestes, enterrando-se, por detrás dos leques das arequeiras, nos almoftados do horizonte, sabe-se lá para que aventuras também!... E a linda «bavina»? Não mais aparecerá... Certamente, o «lagnans», tri-estrelado, não estava em harmonia nessa noite, para mim, mal assombrada... Que os leve o diabo! — resmunguei, encolhendo os ombros, expulso da festa da Vida; devagar, como se o Destino me tivesse chumbado as pernas, dirigi-me embuzado para casa, todo rígido de raivas tranqüilas... Quando acendi a luz, dei de cara com a deusa da Beleza, com a sua tiara sôbre o rosto bonito e que me não fôra propícia, e do outro lado, com o deus elefantino — o Ganex — que no seu altar, na parede, me pareceu enrugar a pele da tromba, irônico, maligno, a rir-se de mim, à sucupa... E pareceu-me que o ouvi murmurar baixinho — e digo pareceu-me — porque talvez a voz viesse de dentro de mim... Não sei.

— Que vieste aqui fazer? O que és tu neste santo lugar? Enquanto todo êsse povoleú, que há pouco observaste, trouxe aqui o seu coração claro, a sua lé pura, a sua alma humilde, a prestar homenagem ao Desconhecido, à Força Ignorada, tu só trouxeste como bagagem os teus olhos cépticos, cúpidos e sacrilegos de curiosidade, a tua petulância irônica e desdenhosa de civilizado, a tua cuscuvilhice importuna e imoral de ocidental... Sim! É assim! Lá no Ocidente todos vós — os brancos — tendes as almas orgulhosas e duras, refractárias e hostis ao sentido da Divindade... Ah! Há pouco quando te puseram em frente o repasto saboroso, com que te deliciaste e que glotonamente devoraste, nem sequer para nós erguestes os olhos. Pois sabes o que faria qualquer dêstes miseros que há pouco viste rojando-se no pó, lá fora no terreiro?... Com humildade, renunciando a uma parcela do seu prazer, partilhando conosco a sua felicidade passageira,

(Conclue na página 22)



1942

O

VINHO do PORTO dos velhos tempos—corre o País autenticado pelo SÊLO de GARANTIA



O sr. Herbert Fish, illustre ministro dos Estados Unidos em Lisboa, quando, há dias, esteve no Ministério da Marinha para agradecer ao titular desta pasta a actividade desenvolvida pela marinha e aviação naval do nosso país para encontrar e salvar os náufragos do navio «Jack Charles», torpedeado ao largo dos Açores. No grupo que publicamos vê-se também o sr. comandante Kennel Démarest, adjunto do cdiado naval junto da legação americana.

panorama internacional

O FUTURO NUMA BATALHA

por Francisco Velloso

MAIS do que nunca, a batalha de leste concentra a guerra. Dir-se-ia que Churchill foi a Moscovo para que ela se prolongasse na resistência até hoje indomada da grande aliada da Inglaterra, pelo que resta do período necessário para se mudar a face das coisas.

A FASE DECISIVA



TIMOCHENCO

Ao atingirmos o meado de Setembro, ou, mais exactamente, a partir do dia 10, a batalha do Volga entrava, segundo o aviso de Berlim, na sua fase decisiva e terminal. Quem quotidianamente vinha seguindo em seus lances, mais não notara nestes do que modalidades de uma defesa acérrima que pareceu sublimar-se desde a conferência de Churchill com Estaline, e do que a apostada energia com que o alto comando alemão concentra, intensifica e arroja à conquista de Estalinegrado massas ingentes de tropas e engenhos de guerra, até vencê-la pela superioridade numérica e pela força do seu poderoso empobramento.

Colocados e envolvidos um no outro os dois adversários, os combatentes diários são hecatombes parcelares de uma hecatombe sem precedentes. A *Rádio Roma* descrevia assim o terrível quadro dessas lutas a 9 do corrente mês, que já foi reproduzido na nossa imprensa mas convém fixar, sob o ponto de vista informativo:

«Os correspondentes berlinenses dos jornais italianos informam que se insiste naquela capital nas dificuldades inauditas que as forças alemãs têm de vencer na batalha de Estalinegrado. Alega-se, principalmente, que aquela cidade, que se estende ao longo da margem direita do Volga, numa extensão de 50 quilómetros, não pode, praticamente, ser cercada. O número de pontes que ligam as duas margens do rio é tal que, apesar dos numerosos ataques da aviação alemã, continuam a afluír à cidade reforços de homens e de material.

«O sistema de fortificações em volta de Estalinegrado está bem concebido e é de uma solidez admirável. A configuração do terreno presta-se para a resistência soviética. Os jornais referem, a este respeito, uma descrição surpreendente publicada pela *Imprensa alemã* acerca das condições em que se combate em volta de Estalinegrado. O terreno da estepe está cheio de enormes fendas em que se ocultam tropas soviéticas com armas, artilharia e carros. Para evitar que sejam inevitavelmente ceifados pelos milhares

de armas que fazem fogo razante ao solo, os combatentes vêm-se, por vezes, obrigados a passar dias inteiros deitados no chão com a cara contra a terra.

«Há ocasiões em que a violência da luta é tal que as aberturas parecem verdadeiras crateras vomitando fogo. Não se consegue, por isso, avançar, senão saltando de uma fenda para a outra, porque expor-se seria «arrostar a morte cem vezes por segundo», sem contar com que as aberturas em questão constituem também outros tantos fossos naturais anti-carros. Tal é a configuração do terreno e o aspecto do campo de batalha entre o Don e o Volga, numa faixa de terreno de 80 quilómetros de largura e 100 de profundidade.

«Quanto às condições de vida dos combatentes, deve acrescentar-se que, desde o princípio da campanha, as tropas não dispõem de qualquer abrigo, dada a nudez absoluta da estepe. Além disso, os homens tremem, molhados até aos ossos, pelos aguaceiros, que indicam a aproximação do outono. Não obstante, e apesar de todas as dificuldades, as forças alemãs continuam a desgastar o inimigo, ocupando metódicamente novas posições em torno de Estalinegrado. Não se dissimula em Berlim que a resistência soviética se prolongará ainda. O correspondente do «*Lavoro Fascista*» opina mesmo que os russos continuarão a bater-se na ilha Sarpinskaya e até mesmo quando a cidade tiver sido ocupada.»

A partir do dia 10, o alto comando alemão lança um triplice assalto, primeiro por sudoeste e sul da cidade, desde Kransnoameisk, para atravessar o Volga, e dois dias se passam sem o conseguir diante da «ilha blindada» de Sapinski, no meio do rio, que lho impede a jorrar fogo, apoiada pelas reacções dos outros sectores dessas partes da frente, desde Kotelnicovo. Segue-se o assalto por oeste, entre o Don e o Volga, dominando o núcleo russo que ainda se agarrava à extrema do famoso cotovelo do primeiro desses rios, ultrapassando-o para leste e avançando lentamente a ambos os lados do canal que os liga através de Estalinegrado. E por aqui, a 13 e 14, as massas alemãs chegam a apoderar-se de uma estação de mercadorias na zona exterior da cidade, perfurando as cinturas das fortificações, e de lá atiram para o centro, como avançada, flechas de tropas ligeiras que logram, em reconhecimento de caminho, chegar à margem do Volga no centro da cidade, mas que logo aí não podem evidentemente manter-se sob o fogo que crepita de cada casa e em cada rua, vasado de uma rede de fortins ou de barricadas e *blokhous*.

A 16 outras flechas tentam o mesmo, e outro tanto lhes sucede. Mas os subúrbios da cidade por estas bandas estão furados. Então, o alto comando alemão ordena o ataque a fundo por nordeste, no outro extremo do arco de círculo que retraiça a frente de investimento da

cidade, sita, como se sabe, na margem ocidental do Volga, e a 16, as colunas de testa, chegam, segundo dizem os russos, a menos de dez milhas do centro da que foi rainha das urbes industriais da Rússia.

Nesse dia, a situação, já crítica, piorou para a defesa, Telegramas de Roma, a *Rádio de Berlim* por voz dos críticos militares, tão autorizados como o general Diethmar, não ocultam o *furor belicus* do russo, a quem foi dada voz de resistir até ao fim. Mas na tarde de 16, o alto comando alemão parece vislumbrar o seu alvo. Goebbels manda avisar os correspondentes estrangeiros na capital do Reich, para que se preparem a ser convocados em retínião, a fim de receberem uma notícia sensacional que talvez chegue ao quartel general de Hitler dentro de 24 horas: a entrada dos alemães na ambicionada cidade.

DATAS E OPINIÕES



VON BOCK

Conquistada Estalinegrado, a campanha de leste está decidida?

Venha o leitor verificar uma carta ou em série de pormenorizados gráficos os movimentos gerais deste pleito de morte. A direcção da ofensiva alemã foi sempre inalterável: alcançar o Cáspio e a foz do Volga, e alcançá-los, em linha de um aprofundamento o mais extenso possível, e com golpe mais directo que ser pudessem. Essa linha de ataque foi inicialmente dirigida desde Kursk. Seguiu-a irrompentemente Von Keitel, em oito dias, por uma brecha até ao Don na altura de Voronezh. Transposto o Don e conservado o mesmo impeto, este o levaria certamente a cortar o Volga e toda a planície de leste seria terreno de uma corrida de carros e coberta dos aviões da *Luftwaffe*. Os exércitos russos ao sul dessa linha estariam separados dos do norte. Não haveria tempo para refazer frentes e só por sobrehumano esforço seria possível a tantas centenas de milhares de homens refugiarem-se no Cáucaso ou salvarem-se pelo Cáspio. Eis porque Timochenko defendeu, então, Voronezh de dentes cerrados

A contar deste acontecimento, a ofensiva alemã apresenta-se doutra forma: desenrolada a linha do curso do Don no famoso cotovelo, a qual tinha por condição a conquista de Rostov, por isso logo efectuada.

Os observadores e comentadores militares andam a perguntar, de há certo tempo para cá (fastidioso seria citar seus nomes já consagrados) qual a razão porque foi que o estado maior alemão, nesse momento, isto é, depois de desenrolar a sua frente no cotovelo do Don, pre-

feriu descer para o Cáucaso, em vez de prosseguir a sua marcha de ofensiva para leste, onde poderia ter transposto o rio, cair em massa sobre Estalinegrado, passar o Volga e realizar pela sua margem esquerda o mesmo objectivo de separar em dois os exércitos russos (então menos preparados do que hoje) desde que, como era de descontar, a cunha alemã chegasse ao litoral norte do Mar Cáspio. A resposta será dada pelos acontecimentos, Mas julgamos conveniente apresentar esta questão que lateja no nó górdio dos sucessos militares da campanha de leste, na hora em que se fala do seu termo e das suas consequências estratégicas.

De facto, Von Bock não pronuncia logo depois de Rostov o ataque a Estalinegrado, antes insiste num vasto esforço para o sul, orientado na direcção da cordilheira do Cáucaso, e gasta nêlé forças tanto mais poderosas, quanto a resistência lhe entrava quasi dia por dia os arrancos do seu vagoroso avanço. Rostov foi entrada a 25 de Julho. A passagem do Don para o sul somente se faz decisivamente a 4 de Agosto. A defesa das margens do Mar de Azov e do Mar Negro é tão viva que só a 7 de Setembro as tropas alemãs puderam ocupar a península de Taman em frente da de Kerch, e só a 14 de Setembro entram em Novorossisk, depois de vencida a linha de Kransrodar. A frente alemã rebaixa para o sul não como a de um alagamento de cheia, mas com a forma de uma cunha cuja ponta vai retorcendo para leste, mas cujos flancos estão expostos. A luta pela travessia do rio Terek a fim de rasgar caminho para os campos petrolíferos de Grozni, através de desfiladeiros, dura desde 27 de Agosto. Sobre o flanco esquerdo, há apenas um avanço alemão até Elista em 14 de Agosto. Quere tudo isto dizer que a manobra do Cáucaso gasta-se durante 54 dias até à presente data.

O crítico militar autoridíssimo, suíço, do *Journal de Genève*, Stelling-Michaud, escrevia com viva lucidez no dia 13 de Agosto, prevendo o que está a ocorrer um mês depois:

«A queda de Estalinegrado e de Astrakan poderia ter graves consequências para o exército soviético. Em novo recuo para o Norte e ao longo do Volga, obrigaria Timochenko a abandonar a linha do Don a fim de evitar que ela fosse tomada de revez. Desta maneira, compreende-se o encarnicamento sem igual que os dois adversários põem na disputa do terreno em torno de Estalinegrado. Ali concentrou Timochenko o grosso das suas divisões, enquanto novos contingentes alemães afluem, segundo as próprias informações de Moscovo. Todas as reservas disponíveis serão empregadas para arrancar a decisão neste sector, buscando os alemães a todo o preço evitar-se uma estabilização de frente nas actuais situações de combate.

porque o êxito da ofensiva contra Grozni e Baku está condicionado pela dominação do Baixo Volga. O alongamento das linhas do grupo sul é já tão considerável que o marechal Von Bock não poderia sem perigo alongá-la ainda mais, até ao Cáspio, antes de haver arredado essa ameaça que tem às costas».

E o mesmo escritor, que assim tão clarividamente previa, explicava ainda melhor:

«A articulação actual (a 13 de Agosto) do grupo de exército de Von Bock parece temerária. Os seus quatro exércitos dão face ao norte, a leste e a sueste. Em defensiva em Voronezh na confluência do Khoper e do Don, estão em ofensiva no fundo da curva deste rio e ao norte do Cáucaso. As distâncias que separam estas diferentes unidades — cujas operações têm de ser coordenadas — são consideráveis. As duas alas (Voronezh e Piatigorsk, esta última podemos nós agora substituí-la por Mozdok) estão afastadas uma da outra de mais de 1.000 quilómetros. O marechal Von Bock, do seu quartel general de Rostov, tem de dominar teatros de operações situados na periferia dum semi-círculo cujo raio excede 500 quilómetros. A própria excentricidade dos movimentos tendentes a cobrir de novos triunfos o exército alemão, exige novas tarefas, pois o controlo de tão vastos espaços absorve disponibilidades e aumenta a dispersão de forças».

Eis luminosamente exposta com uma serenidade modelar, o que é a batalha de leste.

Vejamos, porém, o reverso, o lado dos russos.

DO OUTRO LADO



VON KEITEL

A 7 de Agosto, o comando alemão investe por Kotelnikovo, isto é pela sua ala direita a linha da defesa russa de Estalinegrado. Só a 16 de Setembro opera o grande assalto a que estamos assistindo. E também só agora vemos esboçar-se outra vez a larga manobra estratégica que, dentro do quadro que acaba de ler-se, desde a marcha galopante de Von Keitel contra Voronezh, arrastava o formidável caudal dos exércitos do Reich. De facto, a par da investida de Estalinegrado, que dura propriamente desde 1 de Setembro, como temos visto, o alto comando alemão move agora as duas alas, ao norte, com os húngaros, promovendo um novo arranço ao sul de Voronezh que não parece fazer mais por enquanto do que procurar reconquistar as posições que providentemente Timochenco lograra reaver

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações do enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apstite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11500. EM TODAS AS FARMACIAS

na margem direita, e abrir uma testa de ponte; e ao sul faz avançar o grupo de forças que occupara Elista, na região dos Kalmuos, visando primeiro a cortar as vias férreas suplementares que os russos montaram na retaguarda para transporte dos seus reforços, e em seguida atingirem Astrakan. O melhor dos criticos militares suecos escrevia não há muito que destarte, o problema estratégico inicial contra a grande artéria russa do Volga foi posto quasi às avessas e às portas do inverno. E no dia 17, telegramas de Itália noticiavam que violentas trombas de chuvadas empavavam a frente.

Não somos técnicos militares. Limitamo-nos, pois, a trazer ao conhecimento de quem nos lê, o problema que surge ante uma conquista de Estalinegrado pelos alemães, numa ofensiva que decorre desde 1 de Junho, em que todas as victórias táticas lhes pertencem, embora a custo, devido à resistência tenaz do adversário, mas cuja amplitude estratégica só agora é tentada.

Como contrabateu Timochenco a ofensiva alemã?

Por meio de uma batalha defensiva de desgaste e de barragem, tanto quanto possível obrigando o adversário a obedecer a um retardamento constante e a deter-se nos limites-bases das irrupções; lançando intermitentes ofensivas noutros sectores da frente, ao noroeste de Voronezh, entre Rzev e Vizma, a sueste e sudoeste de Leninegrado, no Lago Ladoga. Exceptuada a segunda, nenhuma destas ofensivas teve, porém, poder para provocar sensíveis alterações na frente, capazes de determinar transformações com repercussão estratégica, embora absorvessem forças alemãs em todas as armas e possivelmente as retirassem da frente sul. A verdade a este respeito só mais tarde poderá revelar-se. Por enquanto, tudo indica que se Von Bock tem de empregar o máximo das reservas no seu grande esforço contra Estalinegrado, o jogo das reservas que é o motor e a arte do marechal russo — não permitiu na frente leste ao exército de Moscovo um potencial disponível para uma contraofensiva estratégica.

Com mais estes elementos de informação, fica o leitor com a compreensão geral dos acontecimentos na frente leste, no momento em que eles atingem o seu período de decisão. O inverno outonal já deve ter começado. Outubro, desde que a estação do frio não acuda mais prematura, ainda pode consentir uma parte da campanha. Mas poderá permitir que ela remate.

A VIRAGEM



DE GAULLE

No dia 6, em Baltimore, um senador norte-americano, Tydings, descrevia assim as suas conclusões de uma viagem à Inglaterra. «A guerra chegou ao seu ponto de viragem. A Grã-Bretanha está mais forte do que nunca. Já recuou as suas armas perdidas e reconstituiu um novo exército. A sua força aérea aumenta continuamente e hoje domina o céu, não só sobre a Grã-Bretanha, mas sobre a Europa occidental. É muito duvidoso se as nações inimigas poderiam invadir com êxito as ilhas británicas agora».

No dia 7, o presidente Roosevelt na sua última palestra «ao canto da

lareira», fazia estas declarações que envolvem quasi um compromisso:

«O nosso fim na Europa é lançar a ofensiva contra a Alemanha. Há, pelo menos, nesse continente, 12 pontos diferentes em que pode ser lançado o ataque. Podemos estar seguros de que estão a ser feitos preparativos, aqui e na Grã-Bretanha, com êsse fim. A Alemanha tem de ser derrotada nos campos de batalha da Europa. O povo americano pode estar seguro de que não esqueceremos nenhum dos quatro grandes teatros de guerra. Certas decisões militares de importância vital foram já tomadas. A seu tempo, sabereis quais essas decisões eram: sabê-lo-á também o inimigo. Posso dizer, contudo, que todas essas decisões têm por fim a ofensiva».

No dia 10, uma deputação eleita de operários da fábrica de guerra de Grater London era enviada a Churchill para pedir-lhe «o immediato estabelecimento de uma Nova Frente na Europa». Nesse mesmo dia o Ministro da Saúde Pública, inglês, Brown, discursando numa reunião da Organização Liberal Nacional asseverava: «Todos os indícios mostram que está próxima a ofensiva das nações unidas». Desde 11 a 19, três grandes comboios de abastecimentos e tropas oriundos da América descarregavam na Irlanda.

No dia 16, o Ministro da Produção, Lytlelton, falando em Sheffield para exaltar o valor da produção britânica, sobretudo em peças anti-«tanks», «tanks» e potencial aéreo, traçava finalmente este quadro geral:

«A produção total de armas e engenhos de guerra na Grã-Bretanha, durante os últimos três anos, excede em muito o volume da produção dos Estados Unidos. Mas os Estados Unidos estão já hoje ultrapassando a nossa produção corrente e os seus vastos recursos permitir-lhes-ão em breve modificar a situação a seu favor. Declarei há dias que o país ia atravessar os 80 dias mais criticos da sua história. Falta passar apenas 20 desses dias e ao cabo dêles a guerra entra definitivamente numa nova fase. Aproximamo-nos do momento crucial. Se a Rússia puder manter-se na sua actual situação, durante algumas semanas mais, a balança inclina-se para o nosso lado. Estão a reunir-se as forças da maior aliança que o mundo alguma vez conheceu e encontraremos as primeiras evidências da vitória».

O mundo ficava a perguntar o que significavam estes avisos, e onde seria possível criar a Nova Frente. No Próximo Oriente, sob o comando de Wilson, aonde durante todo o mês de Agosto, segundo informavam de Istambul para Zurique, chegavam avultadissimas quantidades de material de guerra, constando até em Berlim que «algumas divisões inglesas e iraquianas já estavam a ocupar posições ao longo da fronteira com a Turquia e com a Pérsia?». No norte de África, frente a que Roosevelt se referira na já citada palestra ao dizer que ali está a travar-se «uma batalha desesperada para o domínio nessa zona» e tanto ali no Médio Oriente como no Mediterrâneo sabem os Aliados o perigo que correm?

Com a chegada de fortes contingentes norte-americanos ao Congo Belga, além do material desembarcado em Pointe Noire, o teatro africano da guerra para onde De Gaulle acaba de dirigir-se, ganhou subitamente um relevo excepcional, e o correspondente do jornal espanhol Ariba, em Vichy, no dia 11, apressava-se a mencionar que «as forças militares de Dakar foram consideravelmente reforçadas com numerosos efectivos militares de todas as

armas e com importantes quantidades de material de guerra moderno e que a longo de toda a costa Occidental da África francesa importantes forças de Terra, Mar e Ar, do Governo de Vichy estão noite e dia vigilantes e prontas a repelir qualquer tentativa de invasão». O tráfego de materiais de guerra aumentava em todos os portos da África Occidental, pertencentes às Nações Aliadas.

Este feixe de notícias e versões agitou o ambiente internacional durante os últimos oito dias, causando uma trepidação prenunciadora da aquela grande viragem da guerra a que aludia o senador americano e cujo advento toda a gente espia no horizonte.

NO INDICO E NO PACIFICO

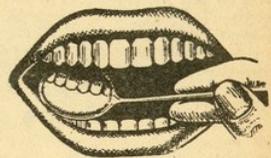


CORDELL HULL

Entremendo estes sinais, surgia a evolução da nova expedição britânica a Madagascar, operada por meio de desembarques e em força nos portos de Ambaja, Majaunga, Morondava e Tamatave, este último ocupado no dia 18, à qual já fizemos referência na última crónica. A coluna inglesa mais próxima da capital ia a distância de cerca de 200 quilómetros em direcção a ela quando surgiu notícia, provinda de Vichy, que se propusera um armistício para rendição, cujas condições os ingleses apresentaram. Pouco confiados haviam de estar ao fazê-lo, porque prudentemente as tropas continuaram o seu vagaroso avanço. De facto, no dia 18, o governador da ilha, comandante Anet, rejeitava in limine as

((Conclue na página 18))

Gengivas são Dentes fixos, sem cárie e sem piorria



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara aisamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. A taca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

O MOTOR E O GÁS POBRE



O facto de um camion passar a consumir gás pobre não implica a necessidade de lhe mudar o tipo de lubrificante, desde que êste seja o recomendado pela Tabela Mobiloil.

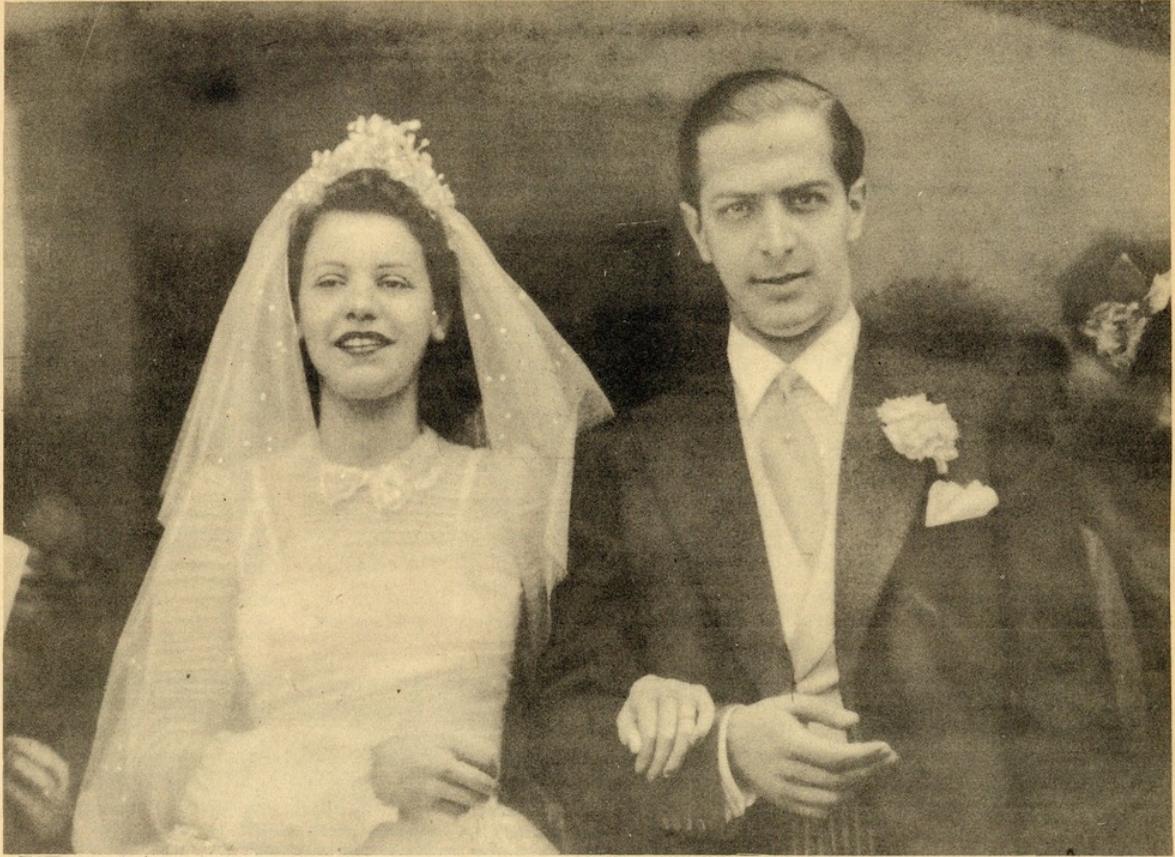
Há, porém, que atender à circunstância de que o gás de gasogénio contém geralmente impurezas, cuja acção abrasiva ocasiona desgastes muito rápidos.

Nestas condições, torna-se necessário renovar mais freqüentemente o óleo do carter, do que quando o motor funciona a gasolina. Além disso, deve-se limpar mais vezes os filtros do óleo e até mesmo substituí-los.

1930

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

Vida
MUNDIAL



Na capela do Mártir S. Sebastião, no palácio dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Cohen Espírito Santo Silva com o sr. João Roma Machado Cardoso Salgado. A noiva é filha do sr. dr. Ricardo Espírito Santo Silva, figura prestigiosa do nosso meio financeiro, e o noivo, filha do sr. coronel António Maria Pinto Cardoso Salgado. Nas fotos acima damos dois aspectos deste acontecimento da nossa primeira sociedade: em cima, os noivos, após o acto nupcial; em baixo, as «damas de honor» da noiva.



Apesar dos ataques incessantes dos bombardeiros e do submarinos germano-italianos, este «combóio» inglês chegou a Malta. As perdas foram graves. Mas, segundo as próprias palavras de Churchill, todas as perdas se tornam pequenas perante o valor estratégico e o sacrifício heróico da ilha, cuja resistência é indispensável manter a todo o custo. — (Foto Britanov)



Para conduzir a batalha do deserto, a Inglaterra acabou de escolher dois chefes de alto valimento, cujas provas de comando já foram dadas na recente ofensiva de Rommel, que não obteve qualquer êxito. São eles os generais Sir Harold Alexander e Bernard Montgomery, que a fotografia nos mostra no seu quartel general do Egito. — (Foto Britanov)

Os resultados da conferencia de Moscovo

um artigo de Carlos Ferrão

No discurso que o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha proferiu na Câmara dos Comuns para fazer um resumo de nove semanas de guerra em todos os teatros de operações que hoje abarcam o mundo inteiro, houve uma passagem capital que, depois de proferida, foi objecto dos mais vivos comentários e da mais cerrada análise:

«Temos feito, disse o sr. Churchill, nós e os nossos aliados, esforços profundos para estabelecer o comando e concertar a acção das Nações Unidas ou, pelo menos, das grandes potências que figuram entre elas. Estes esforços continuam a fazer-se apesar das dificuldades que a própria geografia levanta no nosso caminho.

No mês de Julho, o presidente Roosevelt, mandou ao nosso país uma importante missão. Nada se disse nessa altura sobre o trabalho que ela produziu. Da missão faziam parte o chefe dos exércitos norte-americanos general Marshall, o chefe da Armada, almirante King, e o representante pessoal do presidente, Harry Hopkins. Estes enviados reuniram-se, em demoradas sessões, com os chefes das forças armadas britânicas e com os membros do gabinete de guerra.

Durante dez dias estudaram todos os problemas que se relacionam com os teatros de operações que se estendem hoje ao mundo inteiro. Foram tomadas decisões de importância vital não apenas em relação à Europa mas a todos os continentes e oceanos. Estas decisões estavam de acordo com o pensamento do presidente Roosevelt e tiveram a sua plena aprovação. Isto quer dizer que, em fins de Julho, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos chegaram a um acordo completo quanto aos seus planos de guerra. O acordo refere-se não apenas ao conjunto das operações militares, qualquer que seja o ponto onde elas se desenrolam, mas também aos problemas da produção e da administração. A esse respeito tomaram-se igualmente decisões que se prendem intimamente com a aplicação da estratégia em que assentámos.

Foi preparado com este propósito o acordo anglo-americano e animado pelo último voto de confiança da Câmara que me resolvi a visitar os nossos exércitos que operam no norte de África e no Próximo Oriente e a dirigir-me a Moscovo onde devia ter, pessoalmente, uma série de conferências com o chefe do governo da União Soviética, Estaline».

A CAMPANHA DA SEGUNDA FRENTE

O que depois se passou é do domínio público. O sr. Churchill, acompanhado por um delegado do presidente Roosevelt, o sr. Averell Harriman, dirigiu-se à capital soviética onde, durante quatro dias, ele e os seus companheiros de

viagem, que eram os chefes das forças armadas britânicas e um perito em questões diplomáticas, conferenciaram com Estaline e os seus conselheiros técnicos, um para os assuntos diplomáticos, Molotov, outro para os assuntos militares, o marechal Vorochilov.

Percebe-se claramente das próprias declarações do Primeiro Ministro que ele não quis iniciar essas conversações sem estar habilitado a falar não apenas em nome do seu país, mas em nome do bloco das nações anglo-saxónicas; e que para reforçar esta função julgou conveniente que as negociações tivessem o aval do presidente norte-americano por intermédio dum dos seus mais escutados conselheiros.

É preciso não esquecer também que a viagem coincidiu com uma crise em Moscovo, cujas verdadeiras características e finalidade ainda não foram esclarecidas. Crise política, apenas? Crise militar provocada pelo avanço impetuoso dos alemães no Cáucaso? Simultaneamente, crise política e militar?

Certo é que quando o sr. Churchill tomou o «Liberator» para se dirigir à capital soviética; a imprensa anglo-americana, ou pelo menos a maior e a mais categorizada parte dela, insistia pela criação imediata de uma segunda frente na Europa, pedindo que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos honrassem os compromissos assumidos quando da visita de Molotov a Londres e a Washington. Essa campanha era abertamente apoiada pelos representantes diplomáticos da U. R. S. S. naquelas duas capitais, Maisky e Litvinov.

Depois, como por encanto, a campanha cessou. O «raid» a Dieppe realizou-se quando o sr. Churchill ainda não havia regressado a Londres. Foi abolida a proibição que impedia o «Daily Worker», órgão do partido comunista britânico, de aparecer. O sr. Churchill declarou que operações idênticas à de Dieppe, classificadas como um «reconhecimento em força», se repetiriam sem concluir que elas deviam conduzir ao estabelecimento duma segunda frente. O presidente Roosevelt afirmou que há, pelo menos, doze pontos diferentes onde é possível estabelecer essa segunda frente. E o exército soviético voltou a bater-se com a decisão anterior, depois de ter recusado deixando que os alemães chegassem às portas de Estalinegrado e à cordilheira caucasiana.

A IMPORTANCIA DAS DECISÕES TOMADAS

As decisões tomadas em Moscovo, que resultaram da aprovação do ponto de vista anglo-americano, constituem, segundo ainda declarou o sr. Churchill, matéria de segredo. Um segredo impenetrável e ameaçador que os dirigentes das potências do «eixo» procuram perseguitar, que os críticos e peritos da política internacional desejariam aprofundar, que as agências de grande informação gostariam de transmitir e os jor-

nais de divulgar. Um segredo de cuja revelação depende a marcha dos acontecimentos nestas semanas que estamos vivendo, sabendo toda a gente que é precisamente do que se passar durante estas semanas que depende a evolução da guerra e o seu resultado.

Mas será esse segredo assim impenetrável? Continuarão os planos assentes no Kremlin envoltos no véu de denso mistério de que os homens responsáveis envolvem as suas decisões? Não estarão, pelo contrário, estas a ser reveladas, dia a dia, pelas declarações que eles próprios produzem e pelos factos que têm uma eloquência bem mais impressionante do que as declarações? É possível que haja nos projectos cujo conjunto representa a estratégia actual das Nações Unidas pontos obscuros, pormenores mal esclarecidos, aspectos imprecisos. Mas a linha geral dessa estratégia resulta claramente da actividade desenvolvida desde que o sr. Churchill regressou a Londres. Em todas as capitais das Nações Unidas começou a pronunciar-se enfaticamente, a palavra ofensiva. Ofensiva de quem? Ofensiva como? Em todas elas deixou, tácitamente, de se falar na segunda frente. O presidente Roosevelt e o marechal Smuts vieram dar a sua achega para completar o que o sr. Churchill disse nos Comuns.

Correspondendo a esta loquacidade, em Berlim, em Roma, em Tóquio impuseram uma regra de silêncio total às vozes que poderiam exprimir o ponto de vista oficial dos signatários do pacto tripartido. E para que se não diga que vai perdido o dinamismo que caracterizou dominadamente a sua actividade na primeira fase da guerra, tomaram-se precauções de vulto: intensificou-se a campanha submarina; o ataque a Estalinegrado tomou proporções dantescas; as forças germano-italianas no Norte de África foram reforçadas; os laços que unem a Alemanha vencedora e a França vencida apertaram-se; aumentaram as concentrações nipónicas na fronteira da Manchúria. Com estes elementos de prova não é difícil deduzir qual é a extensão exacta de alguns dos planos concertados nas conferências de Moscovo.

Procuraremos resumir-las, para melhor compreensão do leitor, com prova dos factos.

1.º A vitória decisiva do Reich na campanha da Rússia só pode ser evitada pela criação de divisões poderosas, a primeira das quais tem de se realizar no Extremo Oriente.

O Estado Maior soviético pretende repetir, em fins de Outubro, a manobra que, há um ano, lhe resultou no momento crucial do ataque a Moscovo. Sem desguardar o resto da frente de batalha, deseja lançar no momento decisivo da luta, onde quer que esta se localize, uma massa de manobra que lhe permita chegar ao inverno sem que a Wehrmacht tenha conseguido uma decisão.

Essa massa de manobra não pode deixar de ser o exército do Extremo Oriente que, pelas suas condições especiais (grande mobilidade, quadros de especializados e comando próprio), pode realizar aquele objectivo. Isso só poderá fazer-se desde que seja possível neutralizar a ameaça nipónica na fronteira da Manchúria. Por isso as Nações Unidas desencadearam, simultaneamente, duas ofensivas vigorosas, uma no sul do Pacífico, outra na China. O ataque japonês, anunciado de Chung-King, ainda se não produziu, até este momento.

2.º É indispensável a criação de uma segunda frente na Europa mas não é essencial que essa segunda frente seja de natureza localizada na costa da França.

A Grã-Bretanha faz a guerra com o propósito evidente de evitar, na medida do possível, o sacrifício de sangue. Esse conceito fundamental norteia toda a estratégia concebida pelo gabinete de guerra. Tudo concorre para fazer crer que uma tentativa de desembarque anglo-americano em França não seria apenas uma operação arriscada. Seria, sobretudo, uma operação sangrenta. O sr. Churchill afirmou, há pouco, nos Comuns, que os «raids» como os de Dieppe (classificado como um reconhecimento em força) iam multiplicar-se. Não acrescentou, porém, que de qualquer deles resultasse uma iniciativa de envergadura decisiva. O presidente Roosevelt completou este pensamento acrescentando que a segunda frente pode ser estabelecida pelo menos em doze pontos diferentes. O marechal Smuts concluiu que é em África que se decidirá a sorte da guerra. Estas afirmações formam uma cadeia coerente. E também reveladora se pensarmos que os americanos estão a desembarcar no continente africano e que o exército do Egipto está a ser reforçado para uma acção ambiciosa que se não limita, decerto, a afastar a ameaça do «eixo» contra Alexandria.

3.º A defesa do Cáucaso e das suas riquezas petrolíferas está intimamente ligada ao desfecho da guerra e é de interesse vital não apenas para os russos mas também para os ingleses.

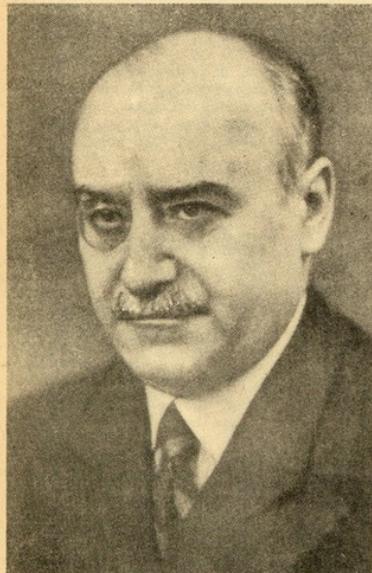
A queda de Estalinegrado equivaleria, praticamente, à rotura da frente soviética. As tropas que se batem no Cáucaso e que mantêm a sua ligação com o grosso das forças soviéticas ao longo da margem ocidental do Cáspio, ficariam isoladas. Ser-lhes-ia confiada uma tarefa de importância capital: defender os jazigos de carburantes de Baku e o «pipe-line» Baku-Batum. Teriam de ser reabastecidas pelos portos do Golfo Pérsico e esse trabalho ficaria, exclusivamente, confiado aos anglo-americanos. Mas além dessa contribuição de ordem material, o auxílio

(Conclue na página 22)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIV A rivalidade de alemães e russos



Gigurtu

2

NO BÁLTICO E NOS Balcãs

Nos países bálticos e nos Balcãs que a rivalidade germano-russa se afirmou poderosamente no período compreendido entre 1 de Setembro de 1939, ou mais propriamente entre 23 de Agosto de 1939 e 22 de Junho de 1941, quer dizer desde que os dois países assinaram o pacto de não agressão que tão grande repercussão teve em todo o mundo, até à entrada das tropas alemãs em território russo. Essa rivalidade tomou, porém, um carácter agudo a partir de 22 de Junho de 1940, data em que foi assinado o armistício que pôs termo às hostilidades entre a França e o Reich.

Não foi sem um sentimento justificado de receio que em Moscovo acompanharam a rapidez da vitória alemã sobre o exército francês. Os dirigentes soviéticos não alimentavam pelas nações ocidentais nenhum sentimento particularmente amável. Sob esse ponto de vista os chefes políticos de Moscovo pensavam de maneira sensivelmente idêntica à dos seus colegas de Berlim. Nas duas capitais a sociedade capitalista e burguesa que dominava em Paris e Londres era objecto duma crítica impiedosa e persistente que se realizava pelos

mais modernos métodos de propaganda.

Mas a derrota do exército francês fôra rápida demais. Os russos contavam com uma longa guerra de desgaste, conduzida a ocidente, que lhes permitisse concluir os seus preparativos militares, a fim de estarem preparados para fazerem face a todas as eventualidades. Além disso, a entrada da Itália na guerra ao lado da Alemanha e a solidariedade crescente que nos países europeus do «eixo» começava a emprestar o Japão constituíam motivos de inquietação evidente. A coligação que assim surgia no horizonte internacional era, embora sob uma fórmula nova, a mesma que já se concentrara através do pacto anti-comunista.

Assim o governo soviético ao mesmo tempo que, naquêlê verão de 1940, afirmava ostensivamente a sua hostilidade pela Grã-Bretanha, preparava-se para um conflito eventual com o Reich. O governo de Londres escolheu para seu representante em Moscovo Sir Stafford Cripps, um antigo membro do partido trabalhista, conhecido pelas suas tendências sovietófilas. A missão concreta que lhe confiaram consistia em estabelecer numa base normal as relações anglo-russas que tantas alternativas conheceram com o curso dos tempos.

A INCORPORAÇÃO DOS ESTADOS BÁLTICOS NA U. R. S. S.

Por seu lado os russos não quiseram deixar de aproveitar a perturbação causada na Europa pela derrota da França para consolidarem

os ganhos que já haviam realizado ao longo das suas fronteiras e para realizarem novos ganhos. O seu objectivo imediato consistia em adiantar as fronteiras da U. R. S. S., realizando alguns dos objectivos tradicionais da nação russa em matéria estratégica e política.

Na segunda semana de Junho, já três dos mais categorizados elementos da diplomacia soviética, Zhdanoff, Vichinsky e Dekanosoff, tinham feito uma demorada viagem de inspecção à Estónia, à Letónia e à Lituânia, preparando a anexação destes três países. Em 10 daquêlê mês foi anunciada que nos Estados bálticos iam realizar-se eleições que, efectivamente, não tardaram. Na Estónia, a lei eleitoral de 1937 foi modificada por um decreto que estabelecia o princípio da lista única. As comissões eleitorais foram constituídas quasi exclusivamente por elementos destacados do partido comunista local, ou partido da união dos trabalhadores. Os sociais-democratas e os liberais foram excluídos do acto eleitoral sob o pretexto de que eram inimigos da U. R. S. S. A Câmara que resultou desta eleição era na sua quasi totalidade composta por filiados no partido da união popular. Na Letónia e na Lituânia as coisas passaram-se de maneira sensivelmente idêntica.

Antes das eleições os representantes soviéticos nos países bálticos tinham feito a declaração de que a U. R. S. S. desejava respeitar a independência desses países desde que êles se tornassem seus aliados. Forças militares so-



O rei Carol e o actual rei Miguel, então príncipe herdeiro, quando da sua viagem a Paris



Professor Filov

vitélicas ténicas, entretanto, entrado na Estónia, o que provocara a demissão do governo estoniano, acusado de estar entendido com as nações ocidentais. A imprensa dos três países referidos, logo que foi conhecido o resultado das eleições, iniciou uma campanha activa a favor da união com a U. R. S. S. Em 21 de Junho reuniram-se as Câmaras recentemente eleitas nos três países, as quais apreciaram, imediatamente, uma série de propostas sobre a sua incorporação no Estado soviético, a nacionalização dos bancos e das fábricas e outros assuntos que se prendiam com a subordinação completa aos soviets. Por fim aprovaram a sua incorporação na União Soviética, a qual foi aceite pelo governo de Moscovo. O último daqueles países a tomar essa decisão foi a Estónia, que o fez em 7 de Agosto de 1940, depois de uma resolução parlamentar tomada por unanimidade.

A ATITUDE ANGLO-AMERICANA

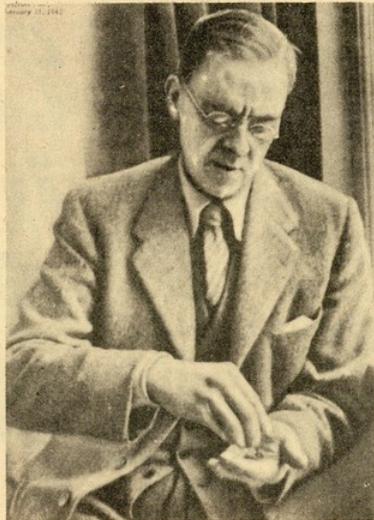
A incorporação dos Estados Bálticos na União Soviética levou à prisão ou ao exílio alguns dos seus homens públicos mais influentes conhecidos pela sua opposição ao regime russo, o general Laidoner, e os antigos ministros dos estrangeiros Munters, Merkys e Urbsys. A Grã-Bretanha fez uma declaração oficial de que não reconhecia a anexação dos Estados bálticos e os Estados Unidos, pela boca de Sumner Welles, procederam de maneira idêntica. A declaração de Sumner Welles era categórica quanto às intenções e sentimentos que animavam o governo de Washington: «Durante os últimos dias, disse aquêle politico americano, entrou rapidamente em via de conclusão o processo de anulação da independência dos Estados bálticos. O povo dos Estados Unidos seguiu sempre com interesse a evolução desses países e continua a opor-se à aplicação dos métodos de força para regular as relações entre grandes e pequenos Estados. Estes princípios que constituem o fundamento da prosperidade da República norte-americana são hoje partilhados por todas as repúblicas do hemisfério ocidental. É por eles que os Estados Unidos e a América continuarão a pugnar em todas as circunstâncias».

Do lado das potências do «eixo» revelou-se uma tendência aparente para justificar a acção dos soviets. Em Berlim, sobretudo, argumentava-se que os Estados bálticos, dada a exiguidade do seu território e da sua população, não tinham grandes probabilidades de continuarem a manter-se independentes, sobretudo entrando em linha de conta com a proximidade e as necessidades dos seus poderosos vizinhos. Na Grã-Bretanha os adversários da politica de apaziguamento com o Reich aproveitaram a circunstância para recordarem o malogro dessa politica, que não tendo podido evitar o conflito armado com o Reich não aproximava também a politica de Londres de Moscovo. Recordava-se, sobretudo, que fora a recusa britânica a aceitar a incorporação dos Estados bálticos no território soviético que provocara o malogro

das negociações que durante os meses de Julho e Agosto de 1939 se tinham realizado entre os representantes franco-britânicos, por um lado, e os representantes soviéticos por outro. Essa incorporação acabara por se realizar sem que a guerra se tivesse evitado. Mas em toda a parte essa incorporação era interpretada, com razão, como sendo um acto politico que visava de maneira especial o Reich, cujos interesses nos países bálticos eram conhecidos.

O ULTIMATO DA U. R. S. S.

Em Março de 1940, o commissário do povo Molotov fizera, em seguida à conclusão da campanha da Finlândia, um extenso discurso em que, depois de justificar a politica externa do regime soviético e a attitude da U. R. S. S. em relação aquêlê país, se referia incidentalmente às relações romeno-russas e ao problema da Bessarábia. «Este território incorporado na nação romena, em seguida à última conflagração, afirmara Molotov, pertence de direito à Rússia. Mas a Rússia não deseja anexá-lo pela força». As condições em que havia decorrido a campanha da Finlândia levava as autoridades militares de Bucareste ao convencimento de que o exercito soviético não constituia um perigo real. Assim, a politica externa da Roménia continuou a ser feita na linha tradicional de opor uns aos outros os interesses das grandes potências, procurando realizar uma posição de equilibrio que



Sir Stafford Cripps

lhe permitisse conservar nesta conflagração as vantagens apreciáveis que realizara no fim da anterior. Esta tactica não considerava, evidentemente, a existência de qualquer combinação germano-russa que antecipadamente tivesse regulado a sorte de determinados territórios romenos.

Em 26 de Junho, logo a seguir à assinatura do armistício entre a Itália e a França, o governo soviético entregou ao representante da Roménia em Moscovo um ultimato cujo prazo expirava dentro de vinte e quatro horas. Depois de recordar os antecedentes históricos e politicos da questão da Bessarábia e de afirmar que a fraqueza da União Soviética pertencia ao passado, aquêlê documento formulava concretamente os seguintes pedidos: 1) a incorporação da totalidade da Bessarábia na União Soviética; 2) a incorporação na mesma União Soviética da parte norte da provincia romena da Bukovina. «O governo soviético, concluia aquêlê documento, espera que o governo romeno aceitará estes pedidos e permitirá uma solução pacifica do diferendo que há muito se arrasta entre os nossos dois países. O governo soviético espera, por isso, que a esses pedidos seja dada uma resposta satisfactoria no decurso do dia 27 de Junho». Era evidente que os dirigentes de Moscovo estavam firmemente decididos a regular o diferendo russo-romeno pela força no caso de o rei Carol e os seus conselheiros não se decidirem a satisfazer imediatamente os pedidos formulados no ultimato soviético.

A RESPOSTA DA ROMÉNIA

Durante o dia 27 de Junho o Conselho da Corça reuniu-se por duas vezes em Bucareste. A comunicação oficial feita pelo governo romeno a Berlim obteve como resposta a declaração de que o Reich se não interessava pela questão da Bessarábia, a qual devia ser regulada por negociações directas entre a U. R. S. S. e a Roménia. Isolado, o governo romeno decidiu-se a negociar com os soviets. O seu representante em Moscovo, Davidescu, entregou a Molotov uma nota na qual se dizia que o governo romeno estava decidido a negociar com o governo soviético, pedindo para este último indicar os nomes dos representantes que, da sua parte, deviam conduzir as negociações e o local onde deviam encontrar-se com os representantes da Roménia. O pedido foi rejeitado e, em resposta, enviados a Bucareste os seguintes pedidos concretos: 1) os territórios da Bessarábia e da Bucovina do norte deviam ser evacuados pelas tropas romenas no prazo máximo de quatro dias, a contar das duas horas da tarde de 28 de Junho; 2) dentro do mesmo prazo aquêlê territórios deviam ser ocupados por tropas soviéticas; 3) as cidades de Cernauti, Chisinan e Akkerman deviam ser ocupadas pelos russos no próprio dia 28 de Junho; 4) o governo romeno ficava responsável pela entrega em bom estado de todas as linhas férreas, pontes, depósitos, aeródromos, fábricas e instalações telegráficas existentes naquêlê territórios; 5) uma comissão composta de dois representantes da U. R. S. S. e dois representantes da Roménia encarregar-se-ia de regular todas as questões que resultassem da evacuação pelas tropas romenas dos territórios da Bessarábia e da Bukovina do norte. A nota russa terminava assim: «O governo soviético espera que lhe seja dada uma resposta definitiva até às 11 horas da manhã do dia 28 de Junho». A resposta, entregue no prazo indicado por Moscovo, dizia: «O governo romeno dá o seu accordo à occupação militar da Bessarábia e do norte da Bukovina e às condições indicadas para a evacuação desses territórios. Pede, entretanto, que seja prolongado o prazo para se proceder a essa evacuação. Como seus delegados à comissão mixta indicada na nota acima referida, o governo soviético indicou os nomes dos generais Kosloff e Soldin. A comissão devia iniciar os seus trabalhos, o mais rapidamente possível, na cidade de Odessa. A acção romena tornara-se inevitável, mas nem por isso deixou de causar, em toda a parte, uma viva impressão».

AS REIVINDICAÇÕES DA HUNGRIA E DA BULGÁRIA

A occupação dos territórios da Bessarábia e da Bukovina do norte pelas tropas soviéticas fez-se com uma grande rapidez. Em vez dos quatro dias pedidos no ultimato de Moscovo, levou apenas dois dias e meio a completar-se. Paraquedistas e tropas transportadas em ca-

(Conclue na página 16)



Prof. Andrei Vichynski

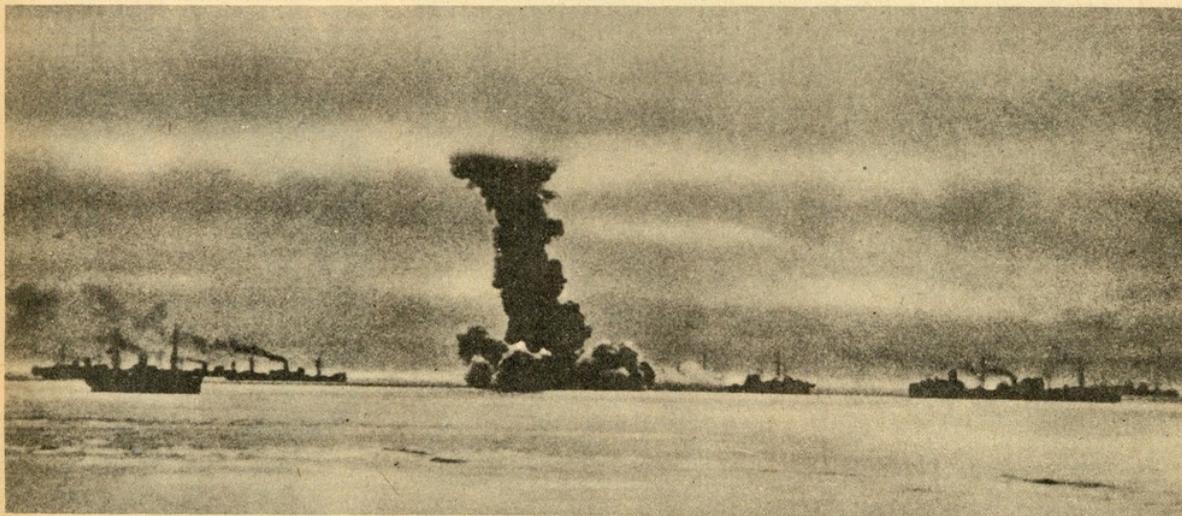


Este «combóio» inglês seguia pelo Ártico, quando foi descoberto e logo a seguir atacado por aviões-torpedeiros alemães. As metralhadoras anti-aéreas do «combóio» ripostam com energia.

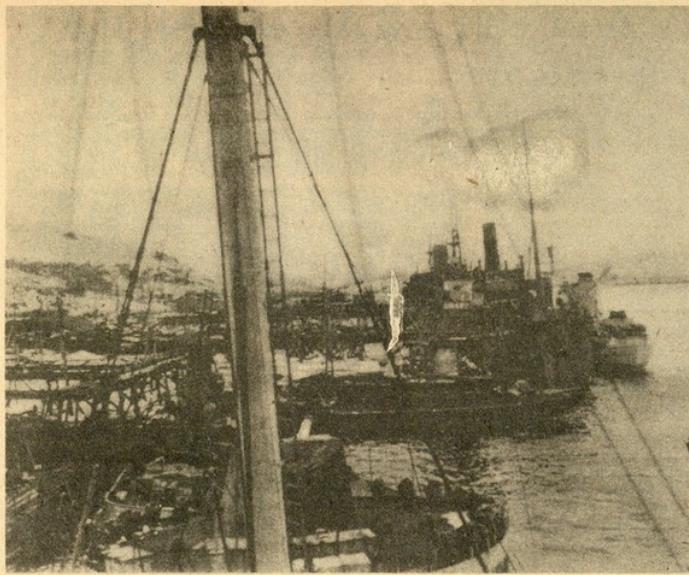


Este avião-torpedeiro do Reich insiste implacavelmente no ataque, apesar do fogo violentíssimo da defesa...

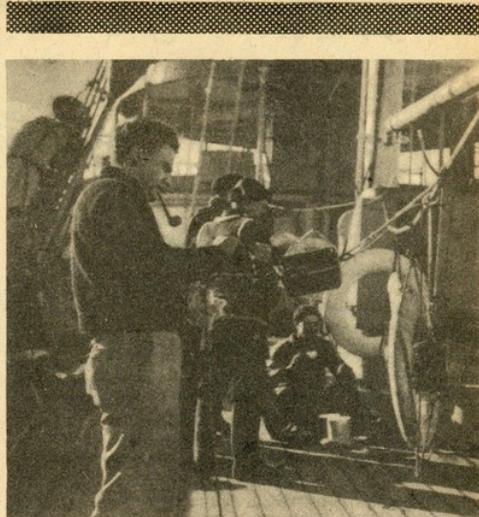
Este comboio inglês chegou a salvo ao seu destino



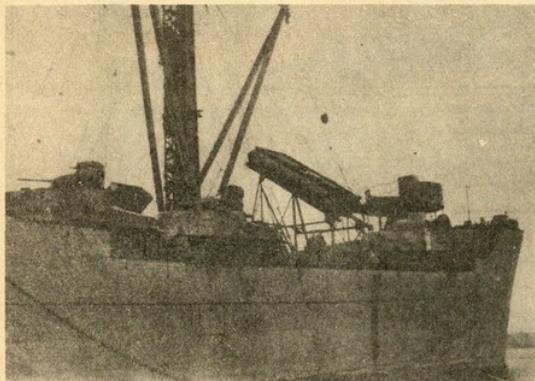
... E faz a primeira vítima. Este barco do «combóio», atingido em cheio, fica em chamas. Entretanto, os outros navios seguem na sua rota, a caminho da Rússia... A rota do Ártico é uma das mais difíceis que as Nações Unidas encontram hoje nas suas vias de comunicações através de mares e oceanos. É que a Alemanha, procurando a todo o transe diminuir a eficiência do auxílio aliado ao seu maior adversário desta guerra, deslocou para o mar e para o céu do Ártico uma perigosa frota submarina e numerosas esquadrilhas de «Stukas»...



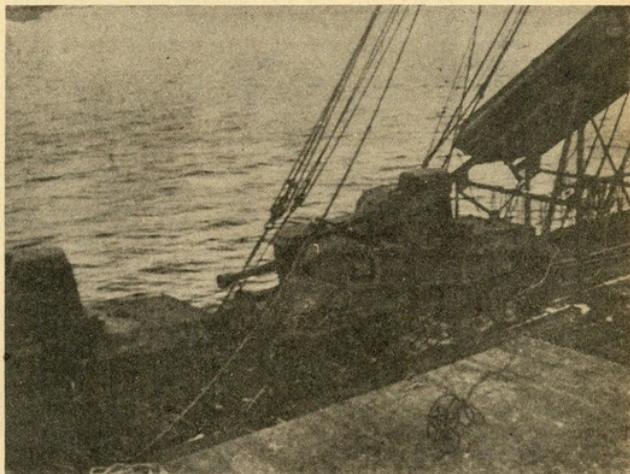
Apesar da fúria dos ataques, o «combóio» chegou a este pórtio do norte da Rússia, agora livre dos gelos. E começa a fazer-se o desembarque de toda a espécie de material de guerra.



Este marinheiro aproveita, entretanto, o tempo, pintando as bóias de salvação que, em caso de afundamento, talvez o livrem da morte nas futuras travessias do mar do gelo.



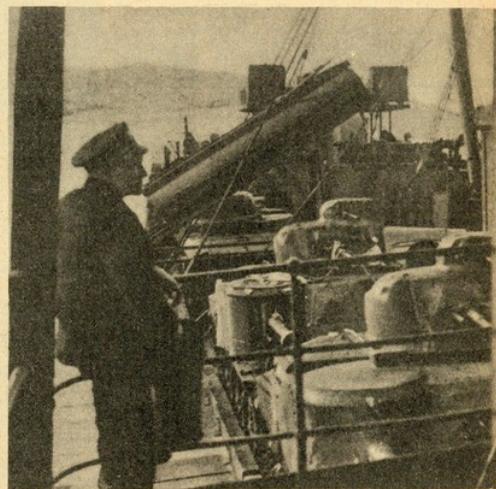
Em três tôrres, há mais «tanks» americanos para descarregar. Os russos esperam deste auxílio aliado de material de guerra a possibilidade de resistir ao impetuoso ataque alemão na batalha de Ieste.



No convés deste navio amontoam-se, ainda por descarregar, os «tanks» americanos transportados neste «combóio» inglês.



As temperaturas nas rotas nórdicas são formidavelmente baixas. O convés dos navios da escolta atulha-se de gelo e as suas tripulações têm de vestir fatos especiais para resistir ao frio.



O mais pequeno espaço dos navios é aproveitado. As viagens são longas e demoradas. E, além disso, arriscadíssimas. Torna-se, portanto, indispensável fazer chegar ao seu destino a maior quantidade possível de material.

HISTORIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

(Conclusão da pág. 13)

mions e aeroplanos, realizaram-na em colaboração com poderosas forças blindadas. Com a sua entrada em regiões que até aí haviam pertencido à Roménia coincidiu a eclosão de cenas tumultuosas em vários pontos, especialmente em Galatz. Em Bucareste foi resolvido decretar a mobilização geral. Esta não tinha, porém, como objectivo resistir à pressão soviética, mas enfrentar a eventualidade, desde logo encarada, de novos pedidos formulados pela Hungria e pela Bulgária respectivamente em relação à Transilvânia e à Dobruja.

O rei Carol ainda dirigiu um apêlo pessoal ao «Duce», o qual não deu qualquer resultado. Em 1 de Julho, o ministro dos Estrangeiros romeno, Argetoiano, fez uma declaração pública acentuando que os outros membros da Entente balcânica se haviam recusado a auxiliar a Roménia no transe que estava passando. A pressão diplomática do «eixo» para dar satisfação às reivindicações de húngaros e bulgaros seguia-se logicamente à pressão soviética para liquidar o caso da Bessarábia e da Bukovina. O discurso de Argetoiano terminava com uma declaração sensacional: «O governo romeno, concluiu ele, decidiu renunciar à garantia franco-britânica que lhe foi dada em Abril de 1939. Na política externa da Roménia é uma era nova que começa». A França estava derrutada. Em Londres compreenderam, desde logo, o verdadeiro significado da declaração de Argetoiano. Tratava-se de procurar diminuir a gravidade das reclamações húngaro-bulgaras, dando uma prova de boa vontade às potências do «eixo». A companhia petrolífera Astra Romana, de capitais britânicos, passou para a posse do Estado romeno. Os navios britânicos que se encontravam em portos romenos receberam ordem para os abandonar rapidamente. A Roménia procurava, por uma guinada violenta na direcção da sua política externa, salvar do naufrágio tudo o que fosse possível. Colocada entre a Rússia e o Reich reconhecia que a garantia britânica não podia operar, nem directamente por qualquer auxílio, nem indirectamente por intermédio da Turquia.

A ARBITRAGEM DE VIENA

No dia 4 de Julho o governo Tataresco demitiu-se, sendo substituído por um novo governo da presidência de Gigurtu, personalidade conhecida pelas suas tendências germanófilas. Do novo governo faziam parte os srs. Manolescu, grande amigo da Itália fascista, Horia Simeca, que sucedera a Codreanu na direcção da «Guarda de Ferro», Sujca, chefe da escola anti-semita na Roménia, e o chefe da minoria alemã, Roth. A constituição deste governo não evitou que a Hungria e a Roménia apresentassem a lista das suas conhecidas reivindicações.

Em 28 de Julho os srs. Gigurtu e Manolescu foram recebidos, em Salzburgo, pelo Führer e por Ribbentrop. Esta visita foi seguida de outra feita pelo chefe do governo bulgaro, professor Filov, e pelo seu ministro dos Estrangeiros, Popov. Dois dias depois eram recebidos no mesmo local os representantes da Eslováquia, monsenhor Tiso e o chefe do governo Tuka. O Reich apoiava claramente as reivindicações de húngaros e bulgaros o que, quanto a este último povo, indicava claramente uma tendência para se aproximar do Reich, que não era vista com bons olhos em Moscovo.

As negociações arrastaram-se aproximadamente durante um mês sem terem conduzido a qualquer resultado decisivo.

Por isso os dirigentes do «eixo» se resolveram a liquidar a questão romena. Em 28 de Agosto o Führer presidiu a uma reunião, para tratar do assunto, à qual estiveram presentes os ministros dos Estrangeiros Ribbentrop e Conde de Ciano, e o marechal Keitel. Os delegados alemães e italianos chegaram rapidamente a acôrdo, e dois dias depois os representantes da Hungria e da Roménia eram convidados a assinar, sem demora, os termos do acôrdo que regulava a cedência da quasi totalidade da Transilvânia, incluindo algumas das suas principais cidades. A cedência da Transilvânia, regulada pelo acôrdo italo-alemão que ficou conhecido pela designação de arbitragem de Viena, seguiu-se a cedência à Bulgária de uma parte apreciável de território da Dobruja. Assim

se consumava o desmembramento da Roménia, país particularmente favorecido na Conferência de Versaillies. Esta série de acontecimentos decisivos da política externa ia ter a sua repercussão no plano da política interna onde igualmente se registariam modificações de capital importância.

Nas ruas das principais cidades romenas multiplicaram-se as manifestações hostis ao rei Carol, geralmente apontado como principal responsável pelo que sucedera, e à sua favorita, Madame Lupescu. Os membros da «Guarda de Ferro» manifestaram-se violentamente. Os elementos dos antigos partidos constitucionais, liberais e camponeses, manifestaram também a sua reprovação pela linha de política externa adoptada pelo soberano, que assim se viu reduzido apenas ao apoio dos seus amigos pessoais. O soberano apeliou então para o exército, única força organizada capaz de manter a ordem, e chamou o general Antonescu que, nos meios militares, gozava de grande prestígio e influência. A população, porém, não se contentava com essa solução, e exigia a abdicção do Rei. O acto de abdicção foi tomado público em 6 de Setembro, e o rei Carol abandonou, a 8, o país na companhia de Madame Lupescu; seguindo para Espanha e mais tarde para os Estados Unidos. Para lhe suceder foi indicado o

rei Miguel, tendo o general Antonescu, com o apoio do exército e da «Guarda de Ferro», assumido a direcção do poder.

O general Antonescu incluiu nesse governo o nome de Horia Simeca, mas não conseguiu a aprovação das potências do «eixo», com as quais era necessário passar a fazer a política externa da Roménia, para os nomes dos chefes dos antigos partidos constitucionais, Maniu e Bratianu, apesar de estes elementos políticos se terem revelado sempre hostis à orientação do rei Carol. A Roménia, privada de uma parte importante do seu território e da sua população, depois de atravessar uma gravíssima commoção nacional, ia procurar dar remédio aos erros cometidos e às faltas verificadas estreitando as suas relações com o Reich e com a Itália, potências que, após a derrota da França, tinham passado a dominar no continente europeu. A adesão romena à causa do «eixo» representava para o bloco italo-alemão sob o ponto de vista político e sob o ponto de vista económico uma vantagem substancial. Mas precisamente porque assim era, essa evolução não era vista com bons olhos em Moscovo. Depois dos países bálticos, a Roménia era um terreno em que se afrontavam os interesses do Reich e da U. R. S. S., como os acontecimentos não tardariam a demonstrar.

(Continua)

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa, DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 8942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —



O general Antonescu durante uma cerimónia religiosa em Bucareste

Vida
MUNDIAL

Imagens pitorrescas do MUNDO

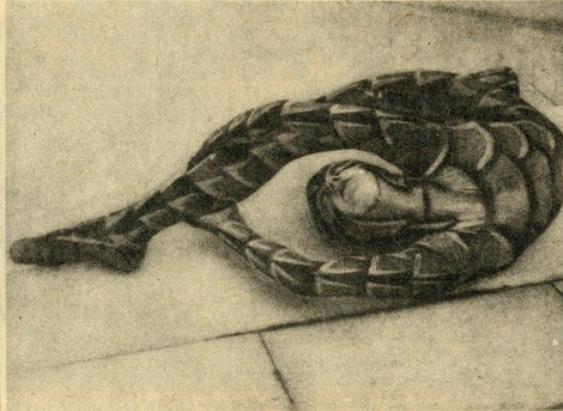
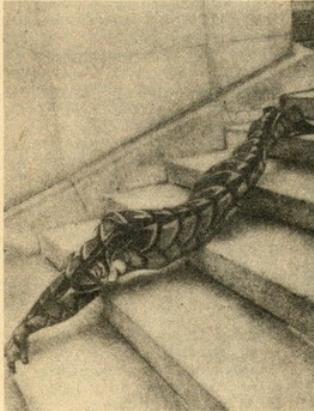
Esta mulher-serpente que os leitores estão vendo nesta página, em vários aspectos do seu contorcionismo estranho, é uma francesa de origem italiana, tem 19 anos e chama-se Claudine Cereda. Até aos 16 anos, Claudine quis ser pianista. Mas tendo obtido, no Conservatório, um primeiro prêmio de dança, fez-se dançarina. É hoje uma das mais populares figuras do teatro de «music-hall» de Paris.



Na sua vida privada, Claudine não tem nada a ar de mulher-serpente. No seu ar despreocupado, mais não parece do que uma ingénua colegial...



...Mas no «Trocadero», onde trabalha, esta mulher surpreende e espanta os olhos inquietos dos espectadores com as nuances do seu contorcionismo quasi diabólico...



Esta dançarina invertebrada faz do seu corpo o que quer. Estira-se, enrosca-se, arrasta-se como uma serpente... E há arte no seu serpentear, e chega a haver volúpia nas suas estranhas atitudes. E ao vermos essa mulher de «music-hall» lembramo-nos dessa outra mulher que todos nós temos encontrado na vida e que, ao amar-nos, se mostra como aquela — uma mulher-serpente. A mulher que, por tanto nos querer, nos aperta tanto, nos enlaca de tal forma que, no seu abraço nervosa, quasi nos esmaga e nos asfixia... Claudine Cereda trabalha a acrobacia e a dança com André Guichot e M.^{me} Schwarz, professora do Conservatório de Paris. Mas ela tem também necessidade de suportar uma boa massagem diária, porque os seus rins a fazem sofrer. E, assim, a serpente se vingará por vezes da mulher...



CHARLIE KUNZ

O PIANISTA DE RITMO INCONFUNDIVEL

em todos os seus grandes êxitos gravados em

DISCOS

6 MELODIAS EM CADA DISCO

50 DISCOS DIFERENTES

300 NUMEROS DE JAZZ FAMOSOS

== Cada disco 27\$50 ==

OIÇA-OS E FAÇA A SUA ESCOLHA

NOS

EST. VELENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97 - LISBOA

ENVIAMOS GRÁTIS CATALOGOS DAS ULTIMAS NOVIDADES



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis à

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



Perante o sr. Ministro da Instrução, tomou há dias posse do alto cargo de Director Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o sr. tenente-coronel Alvaro de Salvação Barreto, Oficial distinto e funcionário exemplar, ao nomeá-lo para estas novas funções públicas, o governo não só prestou uma homenagem inteiramente justa às suas altas qualidades de ponderação e inteligência, como demonstrou ter em alto apreço este servidor dedicado do Estado Novo, do qual é sem dúvida uma das figuras de maior valimento e prestígio. A foto mostra-nos o acto da posse do sr. tenente-coronel Salvação Barreto e do sr. dr. António Carlos Prouença de Figueiredo, um professor ilustre cujo valor o governo entendeu, e bem, igualmente homenagear, escolhendo-o para Director Geral do Ensino Técnico Elementar e Médico. Na foto, além desses duas individualidades e do sr. Ministro da Educação Nacional, vemos os srs. tenente António Cardoso e capitão Mário Ferreira Marques, investidos respectivamente nos lugares de chefes de repartição das duas direcções gerais.

PORQUE SE MATOU STEFAN ZWEIG

(Conclusão da página 3)

com mais eficácia. A-pesar-de já ser considerado cidadão inglês, o grande escritor deixa as ilhas britânicas e parte, com sua esposa, para a América, a ver se assim, longe da hecatombe, o seu espirito já doente, entrava em sossêgo. Casara em 1939, com uma senhora, mais nova 28 anos, que tinha por ele um respeito e uma afeição sem limites. No Brasil, a sua inquietação não amainava. Ele via que toda a civilização criada pelo esforço gigantesco dos homens de cérebro, ruia ao fogo dos canhões.

Era o mundo que ele amava, todos os cantos de beleza, que a metralha devastava numa inglória luta. Cidades inteiras, museus, belos jardins e parques onde o espirito esparcia, caíam num montão de escombros. Zweig que, embora não tivesse o espirito de pessimismo que mortificava Schopenhauer, aceitava, naturalmente, o término da vida pelo suicídio, lutava, então, com a Morte.

Via os seus irmãos de raça es-corraçados, fugidos, a sua pátria, o seu horizonte querido numa nebulosa fumarada de matraquear de canhões e sentia vivamente o desejo de renunciar.

De que lhe servia a vida? Lotte, sua esposa, era enérgica. Hora a hora, lutava para amparar aquele homem de gênio.

Mas Zweig não podia. O mundo era uma visão fantástica, onde os homens tinham a forma de demónios.

Lotte andava já doente. O grande sofrimento de seu marido abalava-lhe o coração. Dia a dia, as forças faltavam-lhe, também. E naquele dia trágico de 23 de Fevereiro, sobre o leito encontraram os dois corpos, inanimados...

Os dois, intimamente, tinham pensado naquele desfecho.

E na carta que escreveu à família, pedem perdão. Eles, que não haviam conseguido vencer na vida — continuariam a viver na Morte...

PANORAMA INTERNACIONAL

(Conclusão da página 7)

condições apresentadas, sabendo-se que Laval transmitira ao seu representante que não concordava com a sua attitude e devia continuar a combater as tropas de Sir William Platt, comandante em chefe da África Oriental, que dirige pessoalmente as operações.

Esta decisão do governo de Vichy deve ser reportada ao aviso formulado em Washington, no dia 16, por Cordell Hull ao represen-

tante do governo francês de que os planos deste, de enviar para o Reich milhares de trabalhadores franceses, constituiriam, se fossem executados, «tal ajuda aos nossos inimigos, que seriam absolutamente incompatíveis com as obrigações da França de acôrdo com as leis internacionais». A réplica de Laval foi de repêlão, quasi cortando as pontes. Reflectiu-se em Dakar e pode repercutir na Martinica, se a chancelaria de Washington adoptar uma attitude de menos complacência e a adoptar a por ela até hoje.

Passando do Indico ao Pacifico, eis-nos já perante a vitória de Chang-Kai-Chek, desdobrada na China Central. Os japoneses, a quem não surte uma tentativa na Mongólia interior para cortarem as comunicações entre a China e a Rússia, preparam-se para abandonar a provincia de Chekiang, largando de Kinuwa e Lanchi para Hankeu. Os acontecimentos que vão seguir-se mostrarão que o esforço chinês preponderou a tempo.

Ao tomar posse do cargo, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros em Tóquio tinha o cuidado de declarar que as relações russo-nipónicas se conservavam cordiais. Algo, pois, se passou na última crise ministerial na orientação da politica da guerra, e todas as informações condizem que isso foi a superioridade americana reassumida no Pacifico (os últimos afundamentos de unidades navais japonesas, de guerra e mercantes, são na verdade impressionantes) e demonstrada no empenhamento com que o Japão, de baixo de fogo, intentou reconquistar as posições perdidas no arquipélago de Salomão mediante uma batalha naval que desde 16 está a esperar-se junto da ilha de Guadalcarar. Seja, porém, qual for o destino dela, é incontestado que a grande hora do Japão já passou.

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

No paço da Ajuda foram reconstituídos e reintegrados, há pouco, na sua evocadora atmosfera doirada, os aposentos que, durante largo tempo, pertenceram à rainha D. Maria Pia. Vale a pena uma visita ao velho palácio. Não se colherá simplesmente uma nobre lição de arte: colher-se-á também uma significativa lição de história. Se as casas reflectem, de certo modo, o espírito e as preferências de quem nelas vive, os aposentos onde viveu uma grande parte da sua existência a penúltima rainha de Portugal, permitem-nos evocar, no seu ambiente próprio, a figura e a psicologia da mãe de D. Carlos e de D. Afonso, Bela, activa, nobre, magestosa, olhos profundos, sorriso enigmático, mãos finas e translúcidas, resplandecentes de jóias, possuindo da dignidade real a concepção quasi voluptuosa duma princesa da Renascença, conheceu na sua vida de rainha todos os esplendores — e todos os infortúnios. Tendo sentido palpitar, à sua volta, tudo quanto constitui o orgulho duma mulher — tudo viu, implacavelmente, ruir a seu lado. Um filho e um neto caíram, sob as balas. Ela que possuía a epilepsia da grandesa, teve, um belo dia, de empenhar as suas jóias. O regime, de que ela própria constituía um símbolo, sosobrou. Na expressão de Carlos Malheiro Dias, meio século bastou para transformar a juvenil Minerva italiana, filha do César da casa de Saboya, numa Niobe lamentável. Uma só coisa essa mulher generosamente pródiga não gastou ou não permitiu que lhe arrancassem: a inacta dignidade de princesa. Essa virtude manteve-a até ao fim. Despojada das suas jóias, envolta numa simples túnica róxa de penitente, reduziu a sua corte a um velho duque, um camarista e duas damas fidalgas, substituído o trono por um pobre sofá vermelho rodeado discretamente por alguns bimbos, D. Maria Pia conservou, até que a morte lhe cerrou os olhos, a sua auréola de rainha: apenas a corôa de ouro fora substituída por uma corôa de espinhos. Mas essa talvez não a vejamos aqueles que porventura visitarem os nobres e luxuosos aposentos agora restaurados.

DONZELAS

dr. Lopes de Oliveira, famoso espírito sob uma tempestade de bigodes, explicava, uma vez, na Escola Normal às suas alunas que, segundo certa teoria, o organismo humano se renovava pontualmente de sete em sete anos. E dirigindo-se a uma das alunas que tinha os seus 17 anos, exemplificou:

— Desta maneira, menina Carlota, daqui a sete anos já não será menina...

— Se Deus quiser... — murmurou ela, baixando os olhos.

FINURAS E FINANÇAS



Conhecemos o dr. Fernando Emídio da Silva na nossa passagem pela Faculdade de Direito. Fernando Emídio preleccionava abundantemente sobre Finanças; mas, nesta matéria vasta e sonora, nunca conseguimos aprender mais do que isto: que as Finanças são para os outros — como Eduardo Garrido dizia da Sorte Grande. Não quer isto dizer que Emídio da Silva não seja um mestre. Pela nossa parte queremos estar convencidos que, sob o capelo vermelho de doutor, está inalteravelmente um tratado de economia, um saco de dinheiro — e, sobre tudo, um coração de pomba. Quem, como nós, tem acompanhado fielmente, embora de longe, a sua carreira astuciosa e diátria, da Faculdade de Direito para o Banco de Portugal, do Jardim Zoológico para o «Diário de Notícias», não pode deixar de registar, com assombro, a facilidade com que este homem, pesando mais de 80 quilos — não desazendo — se move, numa leveza e graciosidade de andorinha. Não se pode voar tecnicamente com mais subtilidade, nem robustamente subir mais alto. Eis tudo.

OS CHARUTOS

capitão Marques da Silva, apesar de se encontrar militarmente na reserva, está, como fumador, em pleno serviço activo. Os charutos seguem-se uns atrás dos outros. Há pouco encontrando-se a passar alguns dias em casa dumas pessoas amigas, em plena região beirão, alguém perguntou-lhe vendo-o fumar dois charutos ao mesmo tempo:

— Então o capitão fuma agora dois charutos de cada vez?

Logo ele!

— Que remédio! Nesta terra não há charutos de seis tostões, que são os que eu fumo, de maneira que tenho de fumar dois de três...

OS GALEGOS

Os galegos tiveram sempre fama de homens viedrosos que não dão, na existência, ponto sem nó. A este respeito Chagas Roquette, cuja barba sombria disfarçava um excelente homem de espírito, contava uma anedocta — que vale um tratado de psicologia.

Há umas dezenas de anos vinha

de Pontevedra um galego descalço e a pé. Em certa altura da estrada encontrou um almocreve que seguia com a sua rédua de machos, sem nada.

— Suba para um desses machos, que vai melhor! — disse-lhe o almocreve, compadecido.

— Lá xubir, xubirei — retorquiu o galego — mas quanto me dá vomexé para eu xubir?

FLORES

UMA tarde destas saía duma loja de flores no Chiado o nosso preclaro amigo Júlio Ferreira.

— Não o sabíamos flor... — dissemos-lhe.

— Pois sou...

E tirando do bolso o cartão de identidade comprovou-o inofensivamente: era Jacinto, Jacinto Júlio Ferreira!

PASCOAIS E BEIRÃO

ESCLARECEMOS alguns espíritos alvorçados que os versos que acompanharam o *portrait-charge* de Teixeira de Pascoais não passam igualmente do *portrait-charge* duma poesia de Mário Beirão...

Com este pequenino esclarecimento cremos que se reconciliarão Alecrim e Mangerona.

A VIDA

UM velho filósofo ignorado perguntou, um dia, à sua própria consciência o que era a vida. E ele próprio respondeu:

Para o poeta — o sonho.
Para o político — o poder.
Para o médico — a doença.
Para o comerciante — a letra.
Para o rico — o banco.
Para o pobre — a esperança.
Para o homem — as mulheres.
Para a mulher — o homem.

UMA PREGUNTA

distinto escritor e oficial do exército Almeida Amaral encontrava-se em plena reunião mundana. Em determinada altura, uma sua admiradora interrogou-o:

— O sr. alferes, V. Ex.^a é tenente ou capitão?

MALHOA E O POLÍTICO

CONTA-SE que o grande pintor Malhoa tomou a incumbência de pintar o retrato de certo político monárquico. Estava em execução a obra quando se implantou a República. Tempos depois Malhoa chega uma tarde a casa visivelmente impressionado.

— Que tens tu? — pergunta-lhe a mulher.

— Calcula que tinha quasi pronto o retrato de Fulano, e agora tenho de o pintar outra vez...

— Mas porquê, homem?

Imediatamente o pintor, num vago sorriso:

— Porque ele mudou de cor... política!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

A alma do negocio

Novela de Castelo de Moraes

N

AQUELE dia, no escritório de Nunes, havia reunião magna dos sócios da casa que também, individualmente, eram comerciantes da praça. Levava-os ali um assunto grave: a escolha dum secretário particular

para aquela espécie de «trust» que todos três tinham formado ao abrigo dos códigos que sempre dão boa sombra a quem a sabe procurar.

O secretário tinha que ser um homem excepcional: enciclopédico em assuntos comerciais, financeiro hábil, pessoa de segrêdo, honrado, inconcussamente honrado em questões de dinheiro e hábil em minutos de contratos de ponta e mola.

Seria a Fenix dos secretários esse empregado que Nunes Ltd. procuravam.

Sentados nos «maples», os três sócios conversavam. Nunes perguntava:

— Você não se lembra de ninguém, Fonseca?

O interpelado franziu a testa, a recordar-se, e negou:

— Não, não conheço ninguém que nos possa servir.

— E tu, Carvalho, também não te lembras de nada?

— Talvez. Conheço um tipo que nos convinha. Assim ele quisesse sair da Companhia de Seguros.

— És capaz de lhe falar?

— Sou. Passa para cá o telefone.

Carvalho fez a ligação de cor e, passados segundos, estava em ligação com o PBX da Companhia.

— É a menina Isaura?... Daqui Carvalho. Pode chamar-me o Sales?

Sales falou do outro extremo do fio e combinaram encontrar-se todos quatro, às nove da noite, lá em baixo, no Chave de Ouro.

Nunes arrumou a papelada na secretária, mas antes de sair ainda fez uma pergunta:

— Olha lá, Carvalho, esse teu homem é sério a valer?

— O que é que tu chamas sério a valer?

— Se é tipo capaz de guardar um segrêdo.

— É. Lá gostar de dinheiro, gosta ele...

— Eu pergunto-te se ele é sério.

— E eu respondi.

Fonseca gargalhou para dentro: — Este Carvalho é o diabo. Então o homem guarda segredos porque gosta de dinheiro? Essa não lembra a ninguém!

— Lembra-me a mim porque sei que é assim mesmo. Cá tenho as minhas razões para dizer o que digo.

Nunes não disse mais nada. Ficou pensativo, a brincar com a lapiseira, mas o sócio insistiu:

— Conta lá, homem. Gostava de perceber onde tu queres chegar com a tua. O que têm os segredos com o dinheiro?...

— Têm tudo. Um segrêdo alheio é a coisa mais pesada que existe no

mundo; ora como para agüentar pesos é preciso ter força e sem dinheiro todos são fracos, está bem de ver...

— Mas quando um homem é sério...

— Pois é isso mesmo. A seriedade é um animal que precisa de ser bem alimentado, senão morre e deixa cair o peso.

— Então não é seriedade!

— Ouve lá o que eu te vou contar e fala depois. Aqui há uns anos, casualmente, um rapaz meu amigo, que vocês conhecem, soube uma coisa muito importante a respeito de determinada indústria. Esse segrêdo

peito do segrêdo, nem tus nem bus. Cala-te boca que o calado é o melhor.

«Correram tempos e na vida do rapaz surgiu uma corista. Uma corista é um objecto natural na vida dum homem, mas é um objecto caro e, de mais a mais, a Bébé era um amor de rapariga. O Silvestre — ele chamava-se Silvestre (agora já sabem quem é) — deixou-se ir naquele engano e no fim do mês constatou duas coisas: viu que o conto e duzentos era pouco e que o segrêdo valia mais. No fim da primeira quinzena do outro mês foi ter com o patrão e meteu um vale. Dai a uma sema-

di-as emprestadas à Elvira para presumir... Olha, há bocado, no Rossio, a Zeca perguntou-me quanto tinham custado e eu muito sério disse-lhe: Foi o meu Silvestre que mas deu, não sei quanto custaram... Vês que eu sei fazer-te respeitar?...

Calcula a lábia da sujeita! Estás a ver que no dia seguinte a rapariga tinha duas raposas como as da Elvira... E o Silvestre estava empenhado em três contos... É dos livros.

A pensar como havia de arranjar o dinheiro, o Silvestre foi, cismar para o Nicola. Na pedra da mesa estava uma grande conta escrita a lápis. Era de muitos milhares de escudos a soma. Seriam lucros? — pensou ele e, de pensamento em pensamento, pela primeira vez botou cálculos aos ganhos do patrão por causa da tal coisa. Pegou no lápis, começou também a escrever na pedra da mesa, e soube e saiu-lhe da boca uma exclamação:

— Ajeita-se bem, o filho do Diabo!

E depois, em corolário:

— Quisesse eu...

E a ideia ruim começou a verrumar-lhe a cabeça.

Apesar do aumento, o dinheiro do ordenado não lhe chegava. A Bébé, logo que se viu com as peles, apeteceu uma pulseira de diamantes — «Como a da Rosette» — e estava sempre a falar na rapariga do aviador que andava a aprender a quiar para tirar a carta.

Por causa da pulseira e do carro tiveram eles uma questão séria e o Silvestre abalou do restaurante a meio do jantar. Isso foi o diabo! Danado como ia, encontrou na «Chic» uma garota que ainda andava no primeiro ano do curso do Arcadia e que era bonita a valer. O rapaz desabafou e ela, muito séria, muito boa pequena, jurou-lhe que se tivesse a metade — só a metade — do bem-estar que ele dava à Bébé, seria a mais feliz das mulheres. Andava farta daquela vida de «cabarets»... Aquilo era um nojo...

Foi então que o Silvestre reparou que a blusita da Milinha — ela chamava-se Maria Emília — já estava bastante no fio e teve pena da garota. Tantos estafermos cheios de joias... e esta... tão linda!...

No cabo do mês foi o fim do mundo!

Dois quartos, duas pensões, sapatinhos... Em duas palavras: duas raparigas.

O Silvestre tinha mudado de hábitos. O ter de pregar em duas freguesias obrigava-o a deitar-se tarde. De manhã tinha um sono de chumbo e quem pagava as demoras era o serviço do escritório. E a ideia ruim sempre lá dentro a cochichar-lhe: Se o patrão refilar tens bom remédio para o meter à nora. Ora o patrão refilou. Um dia precisou, logo de manhã, de duas cartas confidenciais e teve de as escrever. Quando o Silvestre chegou, o homem espumava.

Ralharam, discutiram e o Silvestre atirou-lhe com esta:



era, como quási todos, uma grossa patifaria, mas as patifarias são como os brilhantes: valem pelo tamanho e o rapaz, coitado, era pobre como Job. Mas como tinha a desgraça de não ser tolo, pensou logo em fazer render a mina que o acaso lhe fez descobrir. Pensou fazer e fez. Quinze dias depois, estava empregado. No fim do mês já tinha o seu relógio de «plaqué», a sua farpela nova, já ia ao cinema. Parecia outro mas não abusava. Todos os dias entrava a horas; trabalhava; não tinha exigências. O conto e duzentos que lhe davam chegava para as suas necessidades de pessoa pacata. E a res-

na, outro. No fim do mês recebeu uma bagatela mas o patrão chamou-o, indagou das necessidades dele e aumentou-lhe o ordenado. Mais do que isso: perdoou-lhe os vales. E assim se passou parte do Outono. Nos primeiros dias de Dezembro fazia um frio dos diabos e uma noite a Bébé, que não tinha espectáculo e ensaiava de dia, appareceu-lhe no Parque com umas raposas que lhe iam a matar. E o Silvestre contou-me assim o diálogo com ela:

— Tinhas essas peles e nunca mas mostraste?

— Não são minhas, filho. Pe-

— Eu não tenho muito dinheiro porque não quero. Percebe? Venho tarde porque ando doente e o médico já me mandou para fora uns dias. Não fui porque não me chega o ordenado para viagens. Estou farto desta miséria!

O homem serenou e, muito manso, disse-lhe que fosse descansar uns dias. Podia levantar na caixa o que lhe fosse preciso.

O Silvestre foi até Vidago. Dias depois o Bastos, viajante da casa, veio, todo açodado, procurar o patrão. Depois duns rodeios entrou no assunto: é que tinha encontrado lá em cima, nas Águas, o Silvestre em conversa amena com o Gouveia e aquilo fizera-lhe «espécie»... O patrão deu um pulo na cadeira. Esse Gouveia era o rival dele na indústria e se soubesse o tal segredo...

Na mesma tarde, o velhote partia para o Norte com a filha. Encontraram-se todos no hotel e o Silvestre percebeu logo o jôgo. Ora ele não tinha tido a menor confidência com o Gouveia. Aceitou-lhe os obséquios mas fugiu sempre aos assuntos de negócios. Quando o outro os abordava, dizia-lhe sempre: Para me esquecer das contas e dos livros vim eu até aqui, Em Lisboa, sim. Em Lisboa até gosto de lidar com números.

Mas, à vista do patrão, começou a ligar grande importância ao Gouveia, para inquietar o velho.

Ao mesmo tempo, ia redobrando de atenções para a filha do velhote. A Alice era bonitinha, vestia bem, parecia boa pequena e, que diabo! era um bilhete da grande com prémio certo. Verdade seja dita que o Silvestre, ao principio, não estava muito à vontade ao pé dela: uma rapariga séria metia-lhe medo. Até então só tinha lidado com as «giras» dos teatros, da laia da Bébé! Mas como não era tolo armou em sisudo para se não desmanchar até aprender. Depois foi um encanto vê-lo mudar a pouco e pouco.

E os dias foram passando alegres para todos.

De negócios nunca se falava e também nunca mais o Silvestre se queixou nem de faltas de dinheiro nem de incertezas de futuro.

A Alice já não via outra coisa mas ele fingia que não percebia nada.

O pai da pequena via com bons olhos aquela inclinação. Um casamento seria a melhor de todas as garantias para a segurança da casa. O Silvestre percebeu também este plano do velhote e com uma prudência sibilina foi evitando os encontros e as palestras demoradas com o Gouveia. Tão bem conduziu as coisas que, ao voltarem para Lisboa, estava interessado na casa como sócio industrial.

No principio do Inverno já tinha comprado um «Balila», mas quem tinha tirado carta de guiar era a Milinha. A Bébé tinha passado à história. — Vejam lá vocês o que vale um segredo!

Cansado de falar, o Camacho viu as horas e, para pôr ponto na história, rematou:

— O resto já vocês calculam. São horas de ir às sopas.

Nunes protestou: — Já que chegaste aí, conta o resto, porque não foi só com isso que o homem fez a fortuna que hoje tem.

— Pois está bem de ver que não foi. A sociedade na casa deu-lhe importância. Chamaram-no logo para conselhos fiscais, entrou para a direcção dum grémio industrial, faz parte dum comissão de inquérito... Vocês sabem bem o que é entrar na cremalheira... Passados meses, o Silvestre era tão conhecido na Rua dos Capelistas como no Arcádia, no Moderno ou na Taverna... Tinha dinheiro para as mulheres e

mulheres para o dinheiro. Mas, apesar de tudo, não era feliz. Faltava-lhe um remate para o edificio. Os colegas na finança eram todos pessoas graves, sérias, com os vícios escondidos peio chinó do matrimónio. E ele, ele afinal era um valdevinos que fazia uma vida desbragada pelas tascas janotas da boémia alfacinha. Ná. Aquilo não podia continuar. Era preciso mudar de vida. Já sabia de cor todas as Bébés e Milinhas do nosso Montmartre pelintra e tinha chegado à conclusão de que eram todas iguais, com as mesmas prendas, os mesmos gostos e até o mesmo preço. Uma maçada! E então o Silvestre aproveitou a ocasião do Natal para mandar um casal de peixes ao patrão e um ramo magnífico, tido catita, de rosas de inverno e cravos brancos à menina Alice, a filha unica do velhote. No dia seguinte, uma voz meiga, pelo telefone, a convidar: como ele não tinha familia em Lisboa... se não estivesse comprometido... o Papá...

E o Silvestre jantou em casa do patrão. Dai ao registo foi um salto de pulga.

Nesse dia, o Rosado — agora já se pode dizer o nome do velhote — dormiu descansado pela primeira vez desde que o Silvestre lhe tinha falado. Agora o segredo era jóia de familia que os mais sagrados interesses defendiam das unhas do Gouveia. E o velhote dispôs-se a disfrutar bem esse sossógo. Abusou um bocadito e o coração sentiu-se. De vez em quando uma patuscada, uns vinhos velhos, uns gorgeios de cisme e a congestãozinha, uma noite, bateu-lhe à porta.

Com menos de um ano de casado o Silvestre era o senhor absoluto de todo o giro da casa. Pós-se no seu lugar e tomou juízo...

Nesta altura, o Fonseca interrompeu:

— Juízo? Chamas tu juízo àquilo que ele faz?

— E que diabo faz ele?

— Então a Dona Efigénia... Aquêlê estadaõl...

— Achas que isso é falta de juízo? Então tu não vês, vocês não vêem que na vida dum homem lançado no grande mundo é necessária uma Dona Efigénia? Uma mulher dessas é o traço de união com a vida toda. Essas criaturas são tão precisas a um financeiro como um anel de braço a um visconde falido. Com ela, ele está bem com todos. Os puros invejam-no, os outros, ao pé dele, sentem-se em familia. Olhem que as Donas Efigénias são também um grande segredo a aproveitar.

Nunes, muito pachorrento, a rir em surdina, comentava:

— Este Carvalho é o diabo! Tem sempre uma receita para tudo. Se calhar até tem uma Efigénia...

— Não tenho porque já não preciso, mas tive. Tive uma Maria do Carmo que me serviu de muito. Era o meu bilhete de visita. Melhor, foi um bilhete de livre trânsito nas esferas altas da vida. Mas vamos agora ao que importa. Eu prometi ao Sales estarmos logo à noite no Chave de Ouro. Vocês sempre lá vão? Ou já mudaram de ideia?

O Nunes olhou para o Fonseca, mastigou a boquiilha e, no fim dum silêncio demorado, rosnou:

— Eu, cá por mim, não ponho lá os pés. E tu, Fonseca?

— Eu também lá não vou. Fico em casa. Preciso salvar a alma...

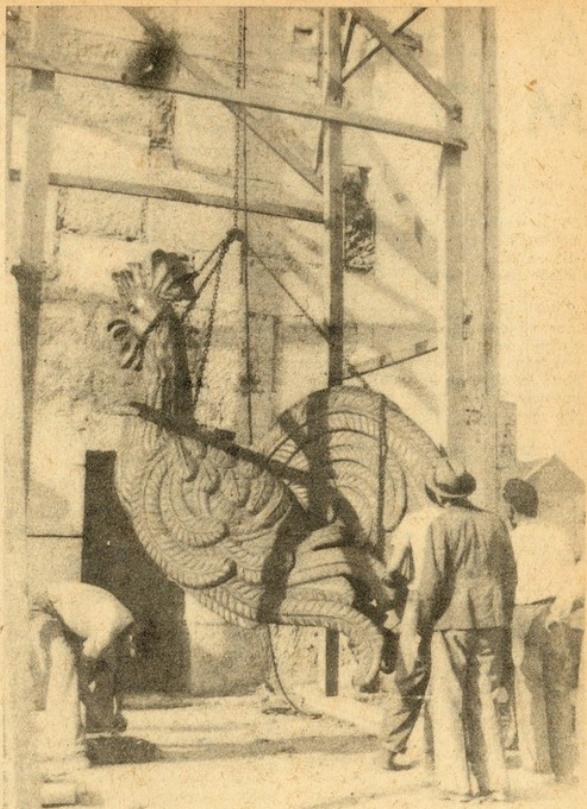
Chocarreiro, o Carvalho perguntou:

— Tu tens alma, patife?

— Não é da minha que se trata, filho, é da nossa, da alma do negócio... Prescindimos de secretário, não é verdade, pai Nunes?

— Tens razão, O seguro morreu de velho...

E não apareceram no Chave de Ouro.



Foi há dias reposto na torre da Ajuda o gigantesco galo que ali existia e que o ciclone de Fevereiro impiedosamente derrubou. A fotografia mostra o momento em que o galo colossal era envolvido pelas correntes de ferro que haviam de erguê-lo até o seu poiso secular.

Escutai ROMA!

RADIO E IAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221,1	
		m. 263,2	
0.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

A conferencia de MOSCOVO

(Continuação da página 11)

em homens tornou-se indispensável, dado que o exército soviético do Cáucaso, que suporta há dois meses os rigores duma campanha exaustiva, se encontra numa situação de inferioridade manifesta.

De aí a presença do general Wavell (perito de colaboração militar anglo-russa) em Moscovo e a criação pelos ingleses do exército Irak-Iran, cujo comando foi confiado ao general Maitland Wilson, homem de confiança do general Wavell e seu colaborador directo.

4.º As necessidades da luta na frente leste e a perda de algumas das mais valiosas regiões agrícolas e industriais da U. R. S. S. tornaram indispensável o aumento de fornecimentos de origem anglo-saxónica aos soviéticos.

A rota de Murmansk tornou-se precária e a rota do Iran continua a ser longa. O sistema de comunicações entre as Nações Unidas funciona com dificuldades. Simultaneamente a ocupação pelos alemães da Ucrânia, da bacia do Donetz, da região fertilíssima do Kubern e das cidades fortemente industrializadas que ficam a occidente do Don, diminuíram, numa proporção alarmante, o potencial de guerra soviético. Em Berlim não ignoram que esse potencial está longe de se ter esgotado e que, além dos elementos de produção geralmente conhecidos, os dirigentes russos apressaram a industrialização da zona dos Urais. Mas as exigências da guerra, no capítulo material, aumentam na medida em que a luta se torna mais áspera. Por isso o brigadeiro Bradley, portador duma mensagem pessoal do presidente Roosevelt, precedeu o sr. Harriman em Moscovo, para garantir o envio de material de que a U. R. S. S. mais urgentemente precisa. Esse material, é principalmente constituído por aviões de vários tipos, com exclusão dos bombardeiros pesados que só serão fornecidos aos soviéticos em pequeno número para bombardeamentos simbólicos das cidades alemãs.

5.º O ataque aos centros de produção do Reich é a primeira e a mais importante condição para que a resistência da U. R. S. S. possa prolongar-se com algumas probabilidades de êxito para a causa das Nações Unidas.

Uma média de mil bombardeiros actuando, diariamente, sobre Es-

salinegrado, eis o resumo da situação actual. A frente leste, que é como quem diz o exército e as populações da U. R. S. S., suportam o peso maior da Luftwaffe. A dispersão das forças aéreas alemãs não produziu ainda a rarefacção indispensável para que a arma aérea do Reich deixe de influir decisivamente no curso da batalha de leste. Além disso o ritmo da produção de guerra alemã não parece afectado pelas dificuldades de mão de obra que a mobilização total do potencial humano provocou. Seis milhões de operários estrangeiros, anunciam de Berlim, trabalham para a máquina de guerra alemã. O número não deve andar muito longe da realidade. Por isso o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha levou a Moscovo o plano anglo-americano de bombardeamentos aéreos do Reich. Esse plano só em parte está a ser executado. Tudo indica que entrará em execução completa quando estiverem terminados os trabalhos de instalação da aviação americana na ilha britânica (previstos para os fins de Setembro).

6.º A política domina o presente e o futuro da guerra e um tratado escrito, mesmo quando os tratados estão bastante desacreditados, vale sensivelmente mais do que todas as promessas e afirmações verbais de boa vontade.

Eis o segredo da presença de Sir Alexandre Cadogan, secretário geral do Foreign Office, na comitiva do sr. Churchill. São muitas as dificuldades que se opõem a um entendimento completo anglo-russo. A viagem do secretário de Estado, Anthony Eden, a Moscovo em Dezembro do ano passado, e a visita do comissário do povo Molotov, a Londres, em Junho deste ano, traduziram-se por afirmações recíprocas de boa vontade. Delas resultou o acôrdo de 13 de Junho já revelado na Câmara dos Comuns. Esse acôrdo esboçou as linhas gerais de uma política comum; não assentou os pormenores de execução que particularmente interessam aos signatários. Especialmente do lado russo manifestou-se sempre o propósito de estabelecer em acordos definitivos as combinações que as necessidades da luta impunham. A satisfação desse desejo não foi, certamente, das tarefas menos rudes que o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e o sr. Averell Harriman tiveram de realizar em Moscovo.

NA INDIA MARAVILHOSA

(Conclusão da página 5)

deporia um pouco das iguarias sobre o nosso altar, aos nossos pés divinos!... Os deuses gostam de ser amados... Estranhas, pois, o teu abandono? Não compreendes que és aqui um estrangeiro, um intruso, um demais... um deslocado, e até — para que não dizê-lo? — um indesejável!... Não deve surpreender-te, pois, a tua solidão, o vácuo que te amaranha e assiala...

E era verdade! Ai de mim!

Senti bem incisivamente essa evidência cravar-se-me no íntimo. Era verdade! Alma, sentido da Vida, crenças, tudo era diferente, até antagónico, entre mim e esta gente. Percebi então quão largo era ainda esse fôssco profundo que separa o Oriente do Ocidente, por enquanto, intransponível — e sé-lo-á algum dia? — onde se degladiam, se repelem, se brutalizam, lamentavelmente, os preconceitos, as incompreensões das almas, das raças, das cores e das religiões!

...aqui AMERICA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8,15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9,67 mc/s)
8,15	WRCA	Todos os dias	39,7 m (7,565 mc/s)
8,15	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
9,30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31,02 m (9,67 mc/s)
9,30	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
19,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)
20,30	WRCA	Todos os dias	19,8 m (15,15 mc/s)
20,45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19,56 m (15,33 mc/s)
22,30	WGEA	Todos os dias	19,56 m (15,33 mc/s)
22,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

B.B.C.

a voz de Londres fala, e o mundo acredita

EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
11.45.....	{ 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s)
13.15.....	{ 31,75 m. (9,45 mc/s) 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s)
22.00 (*).....	{ 31,75 m. (9,45 mc/s) 40,98 m. (7,32 mc/s) 41,75 m. (7,18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



O marechal Ettore Bastico é o comandante em chefe das tropas italianas que, em cooperação com as forças alemãs de Rommel, fazem a guerra do deserto contra o exército imperial de Alexander. Combatente na guerra de Espanha, onde as suas tropas expedicionárias se distinguiram na conquista de Santander, lutou, já no decurso desta guerra, nas ilhas do Mar Egeu, durante a campanha da Grécia. Substituiu seguidamente o general Garibaldi no comando da África Setentrional, tendo-se revelado, até agora, como um dos melhores chefes militares da Itália de hoje.



***Esta mocidade de hoje,
Será o Portugal de
amanhã...***

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

Nesta hora aflitiva que o mundo vive, a mocidade — essa louca heroína de que falava Junqueiro — está sendo sacrificada quâsi no mundo todo por uma tragédia sem igual na história. Portugal, porém, mercê da sua política de paz, não só tem podido preservar as suas crianças desse grande infortúnio, como as vem preparando até, sãs e fortes, para que afrontem num amanhã, Deus sabe se ainda distante, o duro labutar desse mundo novo que fatalmente há-de surgir das ruínas desta guerra. — (Foto Jorge Garcia)